

Porandubas

porã'duba: notícia, informação (tupi-guarani)

Ôi
CALOURADA
BOA!



Boletim Interno da PUC-São Paulo. Ano V MARÇO Sala de Comunicação

36

Concurso de Contos: "INVENTAR A VIDA" p. 5

Biblioteca
Nadir Gouvêa Kfour
PUC/SP



PUC Pra Principiantes
PAGINA 2



EDITORIAL

Jornalzinho é a Mãe!...

ou, se você quiser, o pai de algumas "crias" aqui na PUC. Estamos começando nosso 5º ano de atividades e vemos que foi possível fazer alguma coisa.

Claro, um jornal não se desenvolve à revelia de comunidade leitora. Nos últimos anos a PUC "soltou as tranças", deu saltos qualitativos. Daí foi-nos possível dar notícias mais quentes, o leitor foi assimilando mais informações. O clima comunitário, acadêmico, representativo aqui dentro é comparável à primeira marcha de um automóvel e seu sistema de comunicação (dentro do qual o PORANDUBAS) é como a quarta marcha. Um carro não sai do lugar em quarta, mas também não desenvolve velocidade — ou então funde o motor — se andar só em primeira. É preciso pensar a PUC como um sistema de comunicação, ainda muito rudimentar. Nós do PORANDUBAS é que sabemos como é difícil desentocar informações, o quanto certos setores e pessoas se acostumaram a esconder o leite.

Hoje a PUC consolida sua presença na sociedade e também sua democracia interna. Mais que nunca a integração informativa, o debate de idéias é necessário: nossas eleições serão ganhas por quem souber se comunicar. Este jornalzinho se propõe a responder com a PUC ao desafio desta nova fase. Por isso queremos abrir sempre mais nossas páginas para a comunidade, para funcionários, professores, alunos. Para tanto, caro leitor, suplicamos a sua participação. Primeiro, na sessão de cartas: você tem algo a reclamar (crítica construtiva, claro)? opinar? a elogiar? Vamos, escreva algumas linhas, exponha-se. Também vamos montar uma "banquinha" mensal: ficaremos um dia inteiro em lugar público ouvindo críticas, sugestões, recebendo material, dentro do necessário contato com o leitor. Finalmente (sabe como é, a inflação) se você tiver dicas de publicidade, de contatos com gente gráuda (algum parente seu?) a quem possamos arrancar alguma grana para cobrir nossos custos, avise: não é fácil fazer o jornal e catar publicidade ao mesmo tempo.

Aí está. A imprensa é um tambor: não tem som próprio mas repercute qualquer batidinha. Dê a sua, nós publicaremos. Assim, o PORANDUBAS será do tamanho de sua comunidade: "jornalzinho", só em sentido afetivo.



Veja o que aconteceu na PUC ano passado. Veja o que perdeu por não ter estudado o suficiente no cursinho em 79.

MARÇO

Dia 21/2 a 1/3: No TUCA aconteceu o Curso de Teologia sobre "A Igreja na América Latina". Participantes na maioria membros de Comunidades de Bases. Todas as noites compareciam mais de 1.500 pessoas com alta voltagem emocional e vibração. Conferencistas do calibre de Gustavo Gutierrez, Dom Pedro Casaldáliga, Enrique Dussel, Leonardo Boff, Carlos Mesters. Ponto alto para a "Noite de Nicarágua" em que membros da Junta Governativa apresentaram a revolução nicaraguense e o papel da Igreja nela. **Dia 24/3:** A Reitoria juntamente com o DCE foi à Brasília reunir-se com o Prof. Tarcísio Della Senta, Secretário Geral do MEC, onde foram prometidos Cr\$ 40 milhões para o 1º semestre e outro tanto para o segundo. (Na época fofocava-se que a PUC seria vendida para a FMU. . .) assim começou um movimento em que todos os setores se uniram. Quanto à verba mesmo, chegaram Cr\$ 7 milhões no primeiro semestre e Cr\$ 20 milhões no segundo. (só que a folha mensal de pagamentos era de Cr\$ 47 milhões. . .)

ABRIL

Dia 9/4: O TUCA apresentava a Gal num show de arrear os cabelos. **Dia 15/4:** Houve uma assembléia geral de toda a PUC com as entidades representativas de todos os setores junto com a Reitoria para resolver a questão de verbas. Saíram dois importantes documentos e houve intensa mobilização. A Reitoria informou que se a situação financeira ficasse muito difícil, as Universidades Católicas haviam combinado que — num gesto simbólico — não fariam vestibular para 81. Na semana que começou dia 14 o DCE fez sua semana cultural, com exposição de fotos, poesias, cartuns. **Dia 29/4:** a PUC foi surpreendida pelo falecimento do Prof. Pedro Calil, da Economia, muito querido e que estava até cotado como candidato a Reitor. No dia 31, ocorreu a 1ª Conferência Brasileira de Educação que contou com 1400 participantes de 18 estados e teve amplo significado político. O Porandubas publica o Projeto I de reforma dos Estatutos.

MAIO

O mês abriu (não, abril) com a "invasão dos pobres"; a pivetada cobrava Cr\$ 20,00 para você estacionar na rua. A opinião-PUC se dividiu entre quem apoiava e quem chamava a polícia. A edição do PORANDUBAS descobria a "colônia nordestina" aqui da PUC. Surgem importantes iniciativas a respeito de América Latina, com dois Institutos em ação simultânea: o URPLAN criava o Instituto de Relações Latino-Americanas e o IEE criava um Grupo de Trabalho para a AL que acabou desenvolvendo um Informativo Popular sobre a AL. O Conselho Comunitário, até então embrionário, começa a se reunir com frequência e a arregaçar as mangas. A APROPUC recolhe dinheiro para o Fundo de Greve dos metalúrgicos e envia telegrama de apoio a D. Claudio Humes. **Dia 18:** falecia o Dr. Oswaldo Aranha Bandeira de Mello, ex-reitor da PUC, um homem valente que na década de 60 garantiu com habilidade a autonomia universitária, entre tantos outros méritos.

JUNHO

Na edição deste mês, PORANDUBAS

1980

JULHO

focaliza o trabalho de psicólogos em Osasco, junto ao povo: esta reportagem despertou interesse devido à nova definição de psicólogo-para-a-maioria que começava a surgir. Toma posse a Diretoria da Associação dos Ex-Alunos (UNIPUC) sendo presidente o Prof. Marcos Masetto. "Associação dos Funcionários" teve seu animado campeonato de futebol de salão terminado antes do tempo com quatro times "em patadas". **Dia 12:** teve início a Semana do Assistente Social, tão interessante quanto pouco frequentada. Lançado pelo DCE, APROPUC e IEE o livro de Flávia Schilling. Devido a atraso de salários, os professores de Sorocaba fazem greve. No campus Monte Alegre, dia 17/6 os professores tiveram também uma paralisação.

Férias escolares, que ninguém é de ferro. Contudo, os professores Wanderley, Maria do Carmo, Sérgio Luna, Sílvia Lane, Abib, Edênio, Maria Nilde e Elza Lobo estiveram na SBPC defendendo a camisa da PUC.

AGOSTO

O mês abriu com uma carta de D. Paulo à comunidade, convocando-a para eleições diretas para Reitor. As eleições se realizaram dia 25 e 26 de agosto. A turma a princípio não acreditou muito nas tais eleições (também, o hábito faz o monge). A coisa pegou fogo mesmo, no dia 18, com o lançamento da candidatura da Profª Nadir — que já era reitora. Dia seguinte surgiram cartazes da candidata-surpresa, Profª Haydée Roveratti. A loucura eleitoral tomou conta principalmente do campus Monte Alegre e até os momentos finais não se tinha certeza de quem venceria. Contudo o resultado foi amplamente favorável à Profª Nadir, reconduzida, e o comparecimento às urnas foi expressivo. Essas eleições — diretas — chamaram a atenção de todo o país e até no exterior. Paulo Freire começa finalmente a trabalhar na PUC, dando aulas no Pós e assessorando equipes de serviço à periferia. Flávia Schilling começa a estudar no Pós. **Dia 11:** houve um ato público de repúdio contra os atentados à bomba: foi pego um tal de "Ricardo" que soltou pó químico, a fim de sabotar o evento (a polícia liberou o rapaz). **Dia 22:** a PUC fez 34 anos. Neste mês houve também o 3º Congresso de Professores de Português. PORANDUBAS trouxe os resultados do seu 1º Concurso de Fotos. Comemoraram 30 anos de PUC os funcionários Miranda, Penteadó, Kubinsky e Rubão. Saem afinal os cadernos PUC.

SETEMBRO

O mês se inicia com dois simpósios importantes. O da ANPUH, reunindo professores universitários de História; sobre "A Vida e Obra de Camões". O PORANDUBAS publicou um "livro" sobre os 15 anos de estria da peça "Morte e Vida Severina", que estreou dia 11/9/1965: entrevistas com os diretores da peça, pessoal do DCE da época, atores, com o Chico Buarque, Alceu de Amoroso Lima, Carlito Maia. **Dia 22:** comemorou-se o 3º aniversário da invasão da PUC — discretamente. Show-maravilha da Ellis.

OUTUBRO

Outubro encontrou na Biblioteca Central uma exposição monumental de fotos sobre Hiroxima, iniciativa do CACS. O MPB-4 aparece com o show "Vira Vi-

rou" no TUCA (comentava-se que Kleiton e Kleidir roubaram o show). Houve também um ciclo de debates sobre Religiosidade Popular, outro sobre "A Ordem Jurídica e a Liberdade" e outro ainda sobre "Direito e Sociedade". PORANDUBAS — atrasado, coitado — solta uma reportagem completa sobre as eleições, entrevistando vencedores, vencidos, votos nulos e brancos. Começa-se a chamar atenção sobre o papel do Conselho Universitário cujo peso nas eleições foi igual ao da totalidade da comunidade. **Dia 24:** Encontro Nacional dos Direitos do Menor, quentíssimo dos cientistas sociais e gente da periferia.

NOVEMBRO

Dia 6: começa a Semana de Estudos da Matemática, evento já tradicional no campus Paranaguá. No TUCA teve Ney Matogrosso. Foi o mês eleitoral da PUC: dia 11 para a APROPUC e no fim do mês para vários CAs. Houve ainda eleições para os Diretores de Centro, diretas e muito disputadas, especialmente nos Centros de Educação, e Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas. Aconteceu também em Piracicaba o 32º Congresso da UNE para o qual as entidades da PUC enviaram 70 delegados. Em Sorocaba houve uma excursão da AFAPUC, com amplo entrosamento e "alegria excessiva" de alguns. No hospital Santa Lucinda, hospital-escola da PUC, também em Sorocaba é inaugurado dia 25 o novo Pronto Socorro e novas instalações, iniciando a redenção econômica daquele setor. PORANDUBAS acrescenta a sua à indignação nacional contra a expulsão do Pe. Vito Miracapillo, dedicando capa e editorial sobre o caso. Publicamos também o Projeto II dos estatutos. Neste mês ocorreu ainda a Semana da Geografia.

DEZEMBRO

Terminam as eleições para Diretores de Centro, do Pós e do Coordenador do Básico. A Reitoria toma posse. Tem um tal de "Ratinho" passador, aterrorizando com sua moto a indefesa vanguarda da sociedade. Sai o resultado do 1º Concurso de Contos da PUC-PORANDUBAS, chamado "Inventar a Vida".

NASTASSIKA



ALMOÇO CASEIRO
(das 11,30 às 14,00 horas)
LANCHES • CHÁ • DOCES
• SALGADINHOS • TORTAS
• BOLOS

Aceita-se encomenda

PIZZAS
(vários tipos - toda noite)

Rua Ministro Godoi, 1.308
Fone: 65-4595

SALÃO DE FESTAS
Comemore suas reuniões

Porandubas

R. Monte Alegre, 984
tel.: 263.0211 - r. 227
Equipe: Jorge Claudio Ribeiro
Edison M. de Almeida
Composer: José Vitale (62.1021)
Impressão: Editora AFA
Oficinas GUARU
15.000 exemplares



DCE Vai à luta

Ricardo Gerbrin e Márcio Toledo são da Diretoria do DCE. Nessa entrevista colocam para os colegas, especialmente os calouros, a visão que a entidade tem sobre a PUC, além das suas metas e lutas para este ano.

PORANDUBAS: Qual é a visão do DCE sobre a PUC de hoje?

Ricardo: Olha, dentro do quadro das universidades brasileiras, a PUC é talvez uma exceção. Apesar da sua precariedade, ela apresenta uma qualidade de ensino que contrasta com essas "escolas-empresas" onde o objetivo principal é o lucro e não a qualidade de ensino, de resto inexistente.

Essa qualidade na PUC se traduz na preocupação com a pesquisa, com a participação dos estudantes inclusive na elaboração de currículos e também com a atualização dos cursos frente à produção cultural.

Márcio: Essa "PUC diferente" se reflete em questões importantes como a democratização que experimenta grande avanço aqui dentro e uma experiência na estrutura brasileira.

A eleição para Reitor foi importante nesse quadro, embora pecasse pela falta de maior discussão sobre as perspectivas educacionais e também sobre a situação financeira. Acredito que a eleição para Diretores de Centro teve melhor qualidade, por causa das discussões dos programas dos candidatos.

Nossa atuação em 81 vai priorizar essa discussão sobre democratização, buscando uma atuação mais sistemática quanto às eleições para Diretores de Faculdades. Esse trabalho vai vincular-se com a renovação dos estatutos e prioritariamente sobre a necessidade de subsídios para a PUC.



Márcio

Ricardo: Como a PUC não se enquadra no modelo das Universidades pagas de acordo com o figurino do MEC, a cada ano que passa a quantia em verbas é sonegada. Com isso aprofunda-se o impasse dentro da Universidade. A PUC é obrigada a cobrar aumentos aos estudantes, aumentos que consideramos injustos. A ausência de verbas federais implica muitas vezes em desativação de pesquisas, de trabalhos junto às populações, corte de bolsas para os estudantes. Sem verbas é afetada a qualidade de ensino pois os professores são mal remunerados, os salários atrasam, falta dinheiro para livros e

as refeições não têm subsídios. Por isso consideramos como problema principal a questão de verbas: daí o DCE ressalta a importância de iniciarmos o ano com ampla campanha em conjunto com a comunidade universitária para conseguirmos verbas para a PUC.

A situação de ensino em 1981 proporciona condições de unificação da luta a nível nacional. A luta dos estudantes da PUC deve enquadrar-se nessa luta.

Márcio: É, sentimos necessidade da unificação de todos os setores das comunidades universitárias a nível nacional. Os estudantes têm a UNE como entidade nacional; os professores acabam de reconstruir a sua entidade nacional e as reitorias das universidades deficitárias, especialmente as PUCs, se têm colocado em posição de exigência de verbas, devido ao agravamento dos problemas universitários. Nesse sentido, o semestre que se inicia promete grandes campanhas e mobilizações em torno de melhorias na educação.

Ricardo: Essa unificação, na PUC passa pelas propostas concretas de elaboração de um índice do montante de verbas necessárias hoje. A proposta do DCE é que este índice seja elaborado pela Comissão Orçamentária mixta. O índice seria base de reivindicações, em torno do qual desenvolveríamos nossa campanha. cremos que a falta de verbas ainda vai agravar-se, pois o déficit previsto é de Cr\$ 197 milhões.



PORANDUBAS: Qual a posição de vocês perante o trote para os calouros?

Márcio: Prá gente, o trote físico é uma brutalidade. Não achamos justo que colegas que acabam de passar por uma seleção injusta como é o vestibular, sejam recebidos na base das tesouras, tintas, batons fora do devido lugar. Essa incompatibilidade se dá de forma mais clara na PUC porque os estudantes daqui, em sua atuação, demonstram uma preocupação em torno dos problemas mais candentes da população brasileira, somando esforços para ter todas as atividades opostas à violência. A própria PUC como um todo teve atuação de destaque no movimento democrático repudiando a repressão e a violência. O trote físico é uma manifestação de arbitrariedade. Por isso o DCE fez uma campanha contra o trote na época da matrícula dos calouros.

Ricardo: Dentro dessa idéia é que pretendemos fazer a recepção aos calouros, introduzindo-os no debate sobre os problemas de situação de ensino.



Desenho da Capa do PORANDUBAS alusivo às eleições.

PORANDUBAS: Quais os planos do DCE para este ano?

Ricardo: A PUC vive um momento de grande discussão interna, gerado a partir das eleições para Reitor, no final do ano passado. Muitas vezes os estudantes encontram dificuldades para canalizar esta discussão. Daí surgiu a idéia de realizar ainda no primeiro semestre o Primeiro Congresso dos Estudantes da PUC. Na Psicologia e no Direito já existe sensibilidade e alguma experiência para essa idéia. É importante assim garantir a participação das classes.

Márcio: O Congresso dos Estudantes prepararia o Congresso da Comunidade toda da PUC, que estamos propondo para o 2º semestre. Nosso objetivo é fazer a discussão por faculdades onde se deliberariam as reivindicações de cada setor e onde se discutiria a PUC de forma geral. Este Congresso seria o momento de discutir os problemas do Movimento Estudantil e de toda a juventude brasileira com relação a educação e a questões políticas e sociais.



Ricardo: Outro problema que consideramos fundamental é a luta pela retomada do TUCA. A construção do Auditório Tibiriçá foi iniciativa da comunidade universitária, com destaque para os estudantes. Após a intensa repressão às entidades

feita na década de 70, o TUCA passou a ser controlado pela Reitoria através do Serviço de Extensão Cultural. Hoje temos um grande potencial de produção cultural, com vários grupos de teatro, música e poesia que não encontram espaço para apresentar seus trabalhos. Enquanto isso, o TUCA passa o ano inteiro alugado para o empresário Manuel Poladian. Acreditamos que retomar o TUCA não significa apenas ocupá-lo administrativamente mas desenvolver uma proposta cultural que nos permita voltar a um teatro vivo como foi "Morte e Vida Severina", "O & A" e outras tantas atuações.

Márcio: Pretendemos fazer do TUCA o local privilegiado da produção artístico-cultural da comunidade, fazendo com que acompanhe a preocupação da PUC enquanto universidade, não só com os problemas culturais nacionais e populares mas também com a discussão das questões político-institucionais da Nação.

Ricardo: Essa luta inicia as reivindicações dos direitos dos estudantes dentro das atividades do TUCA. Acho absurdo um aluno daqui pagar o mesmo preço que os outros nos shows do TUCA. Por essas e por outras é que consideramos 1981 como o ano de retomada do TUCA.

PORANDUBAS: Que atividades vocês programaram para este ano?

Ricardo: No CONEG (Conselho Nacional das Entidades Estudantis Gerais) foi elaborada pauta de reivindicações entregue dia 20/2 ao MEC. Em cima dessa pauta será nosso trabalho: estamos dispostos a um movimento nacional caso haja intransigência do Ministro. Também foi consenso a unificação das eleições para as entidades de modo que o Congresso dos Estudantes culmine com o início do processo eleitoral.

GETEP grupo de estudos de técnicas psicodramáticas

Psicodrama/Educação
R. Alveș Guimarães
1432 - tel. 62-6115

CONSÓRCIO
CARROS OK EM 30 OU 40 MESES SEM ENTRADA E SEM JUROS PELO CONSÓRCIO - ACEITASE CARRO USADO COMO LANCE; CARRO A ÁLCOOL OU A GASOLINA.
INFORMAÇÕES COM RODRIGUES
TEL. 262.1611 H.C.
SABRICO S/A. AV. ANTÁRTICA, 408

RESTAURANTE CANTABRICO MARISQUERIA

AGORA, CHOPPS!

COCINA TÍPICA ESPAÑOLA
ESPECIALIDADES

Paella a La Valenciana, Frutos do Mar, Mariscos, Lagosta - Camarões
Calamares, Todo Tipo de Pescados - Ostras - Mejillones -
ABERTO de 3ª a Domingo Almoço e Jantar (Estacionamento com Manobrista)
Rua Dr. Homem de Melo, nº 838 - Perdizes - Fone: 62-2623 - São Paulo

Ciclo Básico

Coordenador Eleito

Alípio Casali é professor da cadeira de PFTHC, do Ciclo Básico, desde 1973. A partir do dia 9 de dezembro do ano passado, quando foi eleito por voto direto, tornou-se o terceiro Coordenador do Primeiro Ciclo (Básico), para um mandato de dois anos.

Ele se define como "um mineiro migrante. Paulistano só de geografia". É bacharel e licenciado em Filosofia e Letras, e faz mestrado na PUC em Filosofia da Educação. Está concluindo também o seu doutorado, na mesma área.

Calouro, conheça uma pessoa que terá muito a ver com a sua vida universitária durante este ano. Seu gabinete está na sala 28-B, logo na entrada do Prédio Velho, e o ramal é 321.

O Alípio avisa que está às ordens.

(por Edson M. Almeida)

PORANDUBAS: O que é o Curso Básico?
Alípio: O Curso Básico foi implantado por força da lei 5540, que pretendia modernizar a Universidade, e que era, ao mesmo tempo uma tentativa de resolução imediata para alguns problemas sociais surgidos em 1968/69.

A PUC, como as outras universidades, teve que cumprir a lei, que repassava para o Primeiro Ciclo da Universidade (Básico) a responsabilidade de suprir distorções e deficiências do ensino de 2º grau, além de permitir aos alunos a reopção profissional e introduzi-los à universidade. É importante notar, porém, que na PUC a adoção do Básico foi feita com algumas particularidades.

PORANDUBAS: Que particularidades são essas?

Alípio: Em primeiro lugar a busca de uma nova prática pedagógica, e uma nova concepção da relação professor-aluno. Outra particularidade é a tentativa de desenvolver com o aluno uma visão crítica da sociedade e da própria universidade. Enfim, passou-se a procurar a consolidação de uma verdadeira universidade, começando pelo Primeiro Ciclo.

10 ANOS PASSADOS...

PORANDUBAS: Mas desde a instalação

do Básico, já se passaram 10 anos?!

Alípio: Os novos contextos históricos exigiram rearticulações políticas e acadêmicas da universidade. Por outro lado o Básico e a universidade tiveram a sua história, e novos desafios foram sendo trazidos à tona, no seu interior.

Sem dúvida a concepção deste Básico foi elaborada em um contexto muito específico de fechamento do espaço político, que foram os anos 69/70. E também no rastro de um tipo de universidade disfuncional do ponto de vista acadêmico e administrativo, inadequada para a sua função de ensinar, e sem as mínimas condições de incentivo à pesquisa. Sendo assim, ela tendia a produzir profissionais com distorções graves para o exercício da sua cidadania.

PORANDUBAS: E como está o Básico hoje?

Alípio: Atualmente se manifestam opiniões hostis ao Básico, que enfatizam muito os seus problemas, como se eles fossem algo separado dos problemas da universidade. Esta perspectiva manifesta uma grave distorção na compreensão do que seja uma universidade. É preciso repensar sim, e permanentemente a instituição como um todo e o Ciclo Básico dentro dela.



Alípio

DENTRO? FORA?

PORANDUBAS: O Básico conseguiu integrar-se ao todo da PUC?

Alípio: Acho que não: romper o isolamento é o maior desafio para o Básico. Este isolamento é resíduo de uma PUC tradicional, que não era mais que um amontoado de faculdades e cursos, que não tinham sequer perspectiva de integração e articulação.

Na PUC, do ponto de vista organizacional, já foram criadas algumas condições para se incentivar esta integração, mas ainda continuamos a ser um agregado de Centros, Faculdades, Cursos e Departamentos.

As disciplinas comuns do Ciclo Básico já possuem alguma prática e a tradição de integração. Permanece, entretanto, uma grande distância entre elas, as disciplinas específicas e o restante da universidade.

PORANDUBAS: Que tal ser Coordenador Pedagógico eleito por voto direto?

Alípio: Para mim isso trouxe um forte sentimento de gratificação e responsabilidade.

Olhando o processo à distância, vejo que ele é um resultado natural da história mais recente da PUC. A eleição direta é produto do amadurecimento de uma experiência desta universidade, nos últimos 4 anos.

PORANDUBAS: O fato de ter sido eleito aumenta ou diminui a responsabilidade?
Alípio: Para o conjunto da instituição, o processo de eleição consistiu numa redistribuição das responsabilidades ou — o que dá no mesmo — numa redistribuição do poder.

A eleição cria um vínculo orgânico de co-responsabilidade entre coordenador e coordenandos. No caso da nomeação este vínculo poderia eventualmente se estabelecer, mas seria sempre posterior, e nunca seria tão vital.

Assim, com a eleição direta, se instaura um novo tipo de responsabilidade. Claro que pessoalmente percebo, como membro da comunidade universitária, que a minha responsabilidade tem agora maior alcance.

PORANDUBAS: O que você tem a dizer para os calouros?

Alípio: Olha, vocês são bem-vindos. Vocês têm à sua frente uma experiência de universidade que será decisiva para o seu futuro profissional. Esta experiência será tão mais proveitosa quanto mais vocês participarem dela, ativa e criticamente.

RUA MONTE ALEGRE

AOS ALUNOS DA PUC

Trabalhamos com a CULTURA que se constrói através do LIVRO. Na PUC, quando se fala de CULTURA e de LIVRO, logo se pensa na LIVRARIA do CORTEZ.

Parabéns a você que acaba de entrar nesta Universidade. Faça como os veteranos, associe-se ao pensamento e à prática dos que trabalham e estudam na PUC.

Oferecemos:

- * Toda a bibliografia recomendada pelos professores (Básica e Complementar)
- * Crédito imediato, sem burocracia
- * Novidades em todas as áreas
- * Material de papelaria
- * Atendimento eficiente

Leia e PESQUISE...

CORTEZ
 Editora e Livraria

Rua Bartira, 387 — 05009 — S. Paulo
 Fones: 864.0111 e 864.6783

AUTORES
 ASSOCIADOS

HORÁRIO: das 7:30 hs. às 23:00 hs.
 Sábados até as 15:00 hs.

Atenção: Não se deixe enganar. Só temos UMA LOJA,
 fica do lado do TUCA, na rua Bartira.

RUA JOÃO RAMALHO

TUCA

TUCA

RUA BARTIRA

CORTEZ
 Editora e Livraria

AGUI

RUA MINISTRO Godoy

1º Concurso de Contos PUC-PORANDUBAS

1º Lugar

Hédera Rogério Prandini

(NR - Hédera = hera, planta trepadeira)

Cursa Direito na FMU. "Hédera" faz parte de uma coletânea ainda não publicada. Já participou de um concurso promovido pela Prefeitura de Juiz de Fora, pela Prefeitura de São Caetano e sempre foi premiado. Em 1980 escreveu também um texto para teatro. Participava há 5 anos como tecladista de um conjunto musical que só executava músicas próprias. Rogério faz letras de música. Participa também do Depto. Cultural do D.A., que já montou um grupo de teatro e pretende organizar um festival de música e concurso literário neste ano.

"Todo o processo criativo está condicionado a uma decisão integral por parte do autor. Por isso, há de existir sempre uma dosagem de sacrifício e auto-crítica para as pessoas que não podem dedicar-se exclusivamente à produção literária. Tenho um método que é de escrever todo dia, de qualquer maneira, mesmo que não haja tempo."

No conto é que o autor demonstra a facilidade de condensação sem prejuízo da intensidade requerida. A literatura torna-se um instrumento de consciência

Não é esse gato que agora grita capaz de durar mais que sete vidas. Uma já basta. Silêncio. O gato morreu.

Aqui é um refúgio. Algo como uma imensa fila. De cabeça baixa, mais um da fila que fica contente por meio metro avançado. A alma do gato fura a fila e ninguém reclama. A morte é feita com material em nylon que não mancha. Adere bem à calcinha e não vaza. Aqui é um refúgio.

Hédera costuma saltitar pelos corpos do refúgio. Hédera, por compaixão atíca e trepa com o galho último da fila. Hédera é vida, refúgio. E, agradecido, o gato da primeira posição, aspira o lacrimogênio da dispersão. Debandar. O gato enterrado. Prosa de dois minutos para se ter a certeza de que, realmente, a roda do carro chegou a topar na coxa. Era velha! Já deu pro uso. Se os bois não esbarrassem, até que a coisa correria melhor. Os bois aprenderam a esbarrar. Pronto. A velha costurou a perna no lugar para os bois esbarrarem. Caiu no chão, não houve possibilidade da velha se abaixar. Hédera, como rapina, apanhou a perna e passou a ter três. Dá pro uso. A perna escapuliu.

Não é essa noite a mais sensível do ano. O ano conta nada aqui. Mas para aquele casal não. Há pouco eram analfabetizados. Hédera os trouxe aqui. Estão na fila e não ligam para os bois. Não ligam para o gosto de alma de gato que ostentam entre os dentes. Mais vale a consciência do lugar, o purgatório, do que aquelas intermináveis taxas dos orifícios centrais, no melhor cemitério da cidade. Aqui... Aí, e coisa, e tal. E a estação de sol acabou de perfilar-se nos furos do rapaz estudante, produzindo a certeza de uma bela reprodução exatamente nos seios de Hédera. O rapaz, envaidecido, tomou para si as atenções dos negros olhos sedentos de Hédera. Duas perfurações, um pouco de olheiras e alguns centímetros cúbicos de sangue coagulado na boca do rapaz. Não necessariamente num dos cantos da boca. Hédera tratou de aconchegar seus seios nas perfurações à bala no peito do rapaz. O sol escondido, rubro, tratou de voltar ao seu nascedouro para encontrar nova fenda no corpo de algum vivente.

Hédera, aliada da nova esquerda. A única representante de um povo combalido, inerte. A força capaz de ajustar em questão de segundos todas as intrigas internacionais. A única trepadeira com três pernas no mundo todo. Sob seu âmago os mais significativos sentimentos de justiça social das potências emergentes



diante da alienação, sendo o autor, nada mais que um repórter de seus dias, na verificação de sua função essencial: resistência.

O conto Hédera significa um pouco dessa resistência. A possessão é transformada em ficção onde a ilusão faz parte inalienável da realidade. Se Hédera é absurda, isso não é problema dela, mas de nosso mundo, um subterrâneo e tortuoso material de impressões e elementos distorcidos de uma cultura angustiada e retaliada, que luta para se enquadrar num devido espaço, muitas vezes negado e que precisa ser conquistado."

e submergidas. Legiões de enfermos entregam sua sorte a Hédera. Dela tudo exigem, mas nada fazem. Continuam enfermos nas longas filas do novo refúgio. Hédera lança sua ira e seu sexo contra as frias paredes do imenso corredor do refúgio. No ar a mais recente dúvida coloca em polvorosa os ocupantes do corredor. Os novos noviços seriam ajudan-



tes de Hédera? Seus amantes? Ou seriam vítimas dos ataques da T.F.P.? Servos da greve dos médicos? Tchau para os doentes, por sinal, ocupantes da ala central do novo abrigo anti-ditatorial. Democracia não existe. Não rima com Hédera nem com hospital.

Apenas existia a intuição de não querer reproduzir aquele universo. Como num sonho tépido, as impressões de que a vida valia a pena, transformaram-se em presságios secos como o ranger dos ossos héderos que, de noite, acordam os ratos famintos. Ninguém é obrigado a justificar o medo e a insegurança num lugar onde são acordados ratos famintos. Sejam loucos os partidários e aliados de Hédera. Assim o são.



A data da invasão hedérica não tardaria. O exército molambento não precisaria de grandes aparatos para o confronto. Seria preciso constituir forças apenas o suficiente para estourar as paredes reclusas, por compressão. Hédera passou em revista todas as guarnições pela manhã reclusa. As lamentações dos gatos e demais animais aumentaram de intensidade com a aproximação do cio de Hédera. O cheiro forte e impregnado invadiu todos os espaços do refúgio. Hédera no cio.

Aquela faixa preta, enorme, estendida no meio da cidade serviu de prenúncio. Ninguém a engoliu. Só os gatos a entenderam. O que serviu de perseguição aos pombos e à gritaria degenerada. Os gatos ocuparam lugares estratégicos nas sacadas dos prédios que davam para os pontos de ônibus. Um crescente lamento para Hédera. A multidão, ruidosa, soltava foguetes. A festa da cidade parou sem porquê. Todos procuraram o caminho de suas casas e o prefeito ficou tentando, inutilmente, reconduzi-los ao paço.

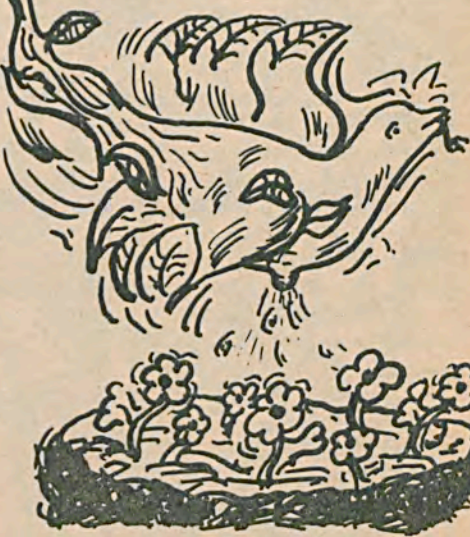
A repressão agrupou seus contingentes de forma a bloquear todas as passagens da fortaleza hederística. O grande corredor nada mais era do que um túnel, ponto de partida de trens, já não pertencentes ao uso que a grande cidade esqueceu. Não há uma forma de vida capaz de desarticular o aparato montado em torno da fortaleza. Hédera riu diante de tudo, não havia nenhuma forma de vida. O que existia era o sabor justo da negação. Negação de vida, credo e sorte.

Fortes chuvas desabrigaram oito mil pessoas na zona leste da cidade. A epidemia de tifo obrigou os flagelados a invadirem o antro hérede. Os soldados, ao perigo do contágio, decidiram debandar. O antro acomodou a moléstia. Hédera satisfez a todos os penalizados. Dançou por entre os corpos agradecidos.

Que lugar é este? Os que se suicidaram permaneceram aqui. Quantos rostos ulcerados seriam necessários para irromper a ira de Hédera? Os soldados teriam de voltar e acabar de uma e só vez com as andanças promíscuas de Hédera e os cães.

A quarta perna de Hédera resultou do ataque dos gatos à passeata organizada em favor da unidade nacional e contra a desagregação dos costumes da classe média. A cola dos sonhos é lavável e serviu para Hédera subtrair de sua essência todo o clímax entorpecedor. Hédera distribuiu orgias aos flagelados. A cola serviu também para atar a quarta perna de Hédera. Em Hédera.

Correu a notícia de que Hédera iria parir. Primeiro Hédera pariu os braços. O refúgio avançou sobre as paredes num profundo rugido. Os gritos de Hédera desandou por entre os espécimes causando histeria nos primeiros ocupantes da longa fila. Todos os gatos arripiaram e se precipitaram de encontro aos cães do refúgio. O sangue escorreu pelos trilhos confundindo o negro e sombreado grupo de noviços ajoelhados nos confins de suas agrúrias. As almas sem contorno fizeram ruir as expectativas reinantes e se multiplicaram por mil. Os anjos desafetos partiram para o aconchego das plumas de suas



asas partidas, dormiram. Houve um sacerdote desse culto, meio alucinado, que abraçou até as entranhas o que seria a quinta perna de Hédera e a levantou à altura do concreto, esmagando-a. A perna escapuliu. O sacerdote passou a perseguir os gatos, abraçando-os. Hédera pariu. O refúgio foi aos ares. Hédera pariu as sete vidas dos gatos, os anjos.

Os habitantes do refúgio quase não diferem dos daqui, com a particularidade de terem aprendido a voar. Aprenderam a voar assim como os bois a esbarrar. Depois, descobriram a maneira de arranjar novos adeptos para Hédera. E, dos ares, observam Hédera amamentar os famintos anjos da perdição e lhes ensinar uma nova lição.

1º Lugar

Interiores

Fernando Zanetti (Jorn. PUC)



Um braço não balança. Segura a bolsa e se apóia nela. O outro fala um italiano fluente, complica as palavras que explica. Os olhos são azuis. Caminha a meu lado, serena. Tem a calma destas ruas noturnas e estreitas. (Penso em Suzana e sei que estou triste) Fala comigo e vamos juntos. Usa um rosto bonito e tem um vestido de festa.

— Gostoso aqui. Parece que as ruas não conhecem fim.

— Ou conhecem um fim natural. Trocamos palavras e somos inúteis. A

festa, longe, não necessita de nós. De mim, por ser um estranho. Dela, por ser amiga de todos. Dobramos uma esquina e esta cidade não é a nossa. Sem ainda sentir porque, somos Lucia e Fernando.

Estou dormindo nesta casa. Este que dorme ao lado é o irmão dela, um garoto de 16 anos. Esta mulher que nos serve o café da manhã não é a mãe dele. A casa pra onde vamos agora, é da filha daquela mulher. Entramos e conversamos e Lucia passa por nós com um bom dia que nem me vê. Como se na noite anterior não tivesse acontecido nada, e nada aconteceu. Percebo, pela primeira vez, que a cadeira em que estou sentado há dez minutos, não existe.

Quando Lucia volta já é noite, parece que acordou agora depois que lavou o rosto e escovou os dentes. Não muito distante, sente vagamente que me conhece. Vasculha a memória do futuro

e sabe que, em algum lugar, já me viu antes. Talvez eu tivesse barba e cabelos mais curtos. Quem sabe não seria este o cara com quem passei as noites futuras? Tem o mesmo jeito, me dá até a mesma sensação confortável de acordar junto dele. Não, deve ser um estranho, um amigo talvez do meu irmão. Passo a língua nos lábios e sinto umidade entre as pernas.

— Vamos até o clube?

Bella é minha amiga, estudamos juntas. Juntas conhecemos seu agora marido e o meu ex-namorado. Trocamos segredos como beijos assexuados. Horas e anos, aulas e festas, os beijos oswaldos chegaram aos seus ouvidos como as carícias horácias palavream a sua felicidade nos meus. Se um ficou, sua felicidade partiu, foi coisa de relógios, altura de muros, espessura de sonhos. Acorda-me apenas os lábios de Fernando me beijando o umbigo, me tocando em mãos e calor de corpo. E o tempo paralelo do vôo das árvores me penetrando como raiz de pássaro.

— Vamos. Quero antes passar na casa de tua mãe, saber se minha mãe

do sono, sonâmbulo e subversivo invadir meu desconhecido como um barco que parte.

— Vou.

Uma outra mulher. Uma qualquer outra. Uma nunca esta. Todos os dias aprendo com ela ausentar as outras. Ausentam-se todas até pelo perfume, e brincam em meus olhos a transparência dos vidros. Procuro o abismo e ensaio o salto. Não quero cicatrizes como zíperes. Saber mais perto a felicidade é como engarrafar fumaça pra reter o fogo.

— É bom caminhar com você. Você é colorido. Gostoso como goiaba vermelha.

— Bichada?

— Cheia de caroço, de semente. Bicho doce que apaixonava a gente.

— Está por aqui, passou por aí, melhor a gente fugir dele.

— Ou ficar com ele pra sempre.

— Pra sempre!? Em plena era do amor descartável!? Construtor de gaiolas vive de sonhos aprisionados. Só te quero pra nunca mais te querer.

(Pra nunca mais te escancarar como janela, pra nunca mais te penetrar como sol, te procuro pelas frestas pra te invadir como festa. Te procuro como vinho em cacos, líquido e cheio de fraturas expostas, te procuro em tuas palavras voláteis como veneno).

— Quero te ver amanhã. Preciso falar com você.

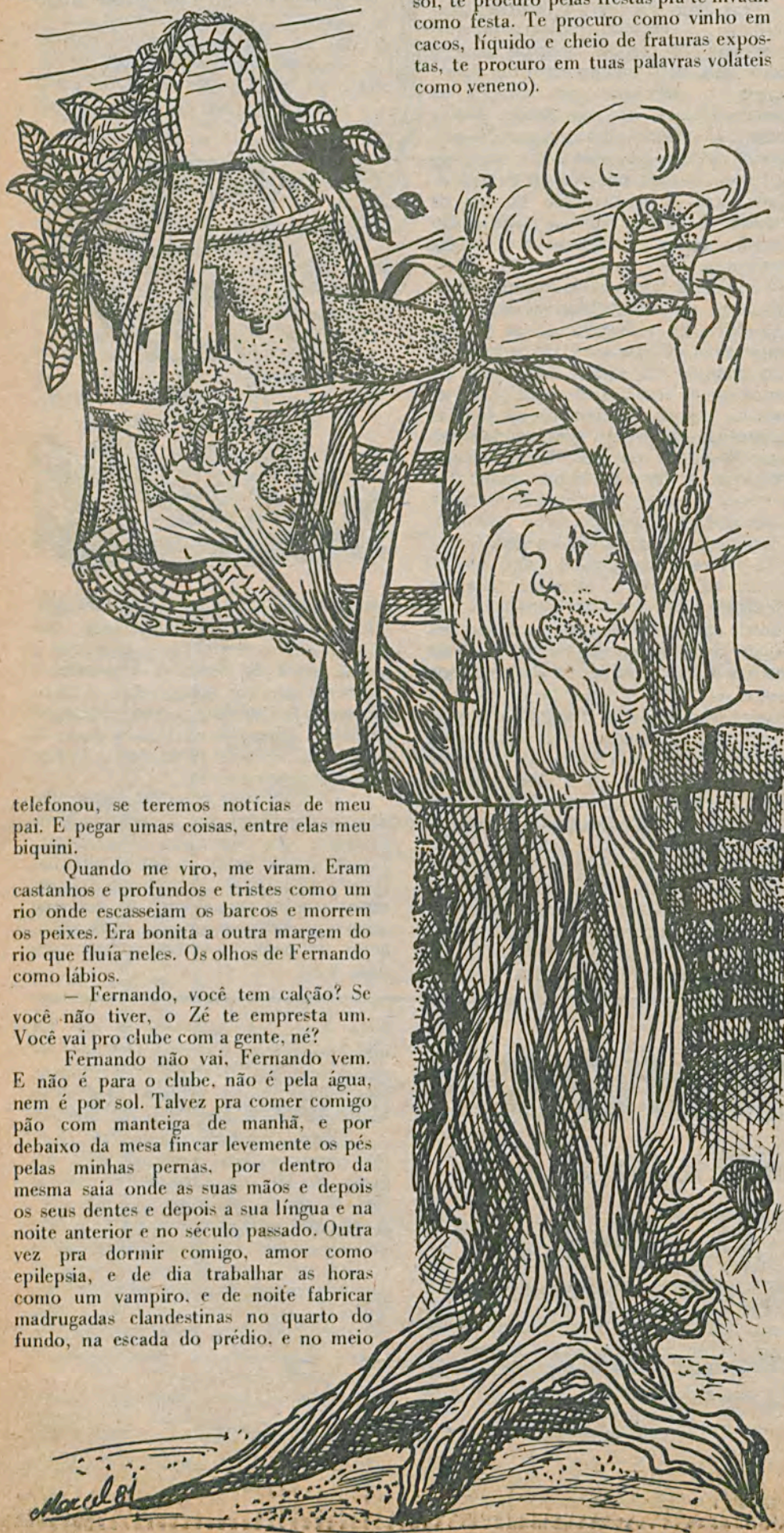
— Sobre?

Não há nada sobre nada. Prateleiras imensas repletas de livros e telefones, uns com orelhas, outros com ouvidos, ambos palavras faladas escritas, não se falam, não se escrevem nem se disputam memórias. Brincam de silêncio como carnavais de alegria. Um dia, acreditamos que o ano que vem tem mais. Só pra esquecer que o ano que vai tem menos.

— Sobre nós todos, especialmente sobre os outros que andam juntos, que me incomodam muito com seus abraços estreitos e seus beijos espiralados, sobre a miséria dos que não comem e dos que não são comidos. Sobre a fome, sobretudo sobre a fome dos que não têm fome, e que por isso, não tem remédio.

— Quero te ver amanhã. Preciso falar com você.

Uma essa mulher, uma só essa, uma nunca outra. Apenas porque tenho que trabalhar já não leio livros, jornais no ônibus. Coleciono buracos. Tenho deles aos montes. Desde os mais simples, tipo "apaixonado por água de chuva", até os menos mensuráveis, tipo "esteve por aqui uma mulher simples/ que me tocou o corpo e me excitou a alma/ e que inventou conteúdo pras minhas palavras". Estes, guardo lá fora, pendurados na janela. Precisam secar. Às vezes, fico com eles no sol. Lembro de como me custou para adquiri-los e de como me custa caro mantê-los. Não são muitos, só três. Mas não secam nunca. Como carne-de-sol, com o tempo concentram o gosto. Dia desses, viro vegetariano. Compro uma planta carnívora e vou com ela fazer amor no quarto do fundo.



telefonou, se teremos notícias de meu pai. E pegar umas coisas, entre elas meu biquini.

Quando me viro, me viram. Eram castanhos e profundos e tristes como um rio onde escasseiam os barcos e morrem os peixes. Era bonita a outra margem do rio que fluía neles. Os olhos de Fernando como lábios.

— Fernando, você tem calção? Se você não tiver, o Zé te empresta um. Você vai pro clube com a gente, né?

Fernando não vai. Fernando vem. E não é para o clube, não é pela água, nem é por sol. Talvez pra comer comigo pão com manteiga de manhã, e por debaixo da mesa fincar levemente os pés pelas minhas pernas, por dentro da mesma saia onde as suas mãos e depois os seus dentes e depois a sua língua e na noite anterior e no século passado. Outra vez pra dormir comigo, amor como epilepsia, e de dia trabalhar as horas como um vampiro, e de noite fabricar madrugada clandestinas no quarto do fundo, na escada do prédio, e no meio

2º Lugar

A Captura

Nicodemos Sena



Cursa Jornalismo à noite. Nasceu em Santarém, Pará. Está em SP desde 1977.

“O conto tem alguma coisa a ver, nos países capitalistas, com o encurta-

O personagem foi amassando raivosamente e devagar os degraus que o levariam ao trem que uma hora depois faria parada em Urech. O personagem seria alto, caixa torácica espadaúda, teria uma cicatriz na cara; quem o visse na sombra da plataforma julgaria estar diante de uma memória recôndita e sem tempo. Dentro daquele homem refletiam dez olhos de cristais, cada um localizado em dez eras diferentes, e, dentro destes olhos, dez mundos pululavam, cada um com a sua singularidade cotidiana. Eu, Caleb dos Eteus, outrora filho de burgueses mercantis da Fenícia que residiam num destes mundos, dentro de um destes olhos de cristais que, naquela noite de 1º de Vertenti, mês das plantas que dão frutos bons, orientavam aquele homem que ao leitor pode parecer um sonho, fui encarregado de contar para as gerações que se foram e que ainda virão os episódios representados deste lado do tempo. O meu mordomo Eclásius, fiel e submisso, terá por dever passá-los ao outro narrador, no devido tempo.

Trata-se de capturar o tempo e enfurná-lo incomodamente no colóquio mais exíguo possível. Estamos no ano 68, no mês de dezembro. Nesta banda do universo os homens fogem para dentro de si; muitos escrevem depois belos romances que, de tão originais, não se podem enquadrar em nenhum tempo. Todavia esta captura do tempo não significa menosprezo à vida real. E aquele homem, personagem espadaúdo em cujo interior refletem espadaúdos de cristais com dez mundos singulares, é o algoz do tempo; procura capturar um espião cretense que viveu muitos anos antes dele. O trem parte para Urech a 15 minutos; as luzes da plataforma estão agora sufocadas pelo nevoeiro; o coelho fugidivo esgueira-se pela borda das estepes da Serra do Mar. Estamos agora a dez minutos para

mento do romance, que reflete a tendência à abreviação da própria condição humana. No entanto, acaba por se revelar como um bom objeto para a análise crítica e um ótimo espaço também para a atuação transformadora. O conto cada vez mais se firma no Brasil e ganha sua linguagem específica. Bom contista é aquele que sabe explorá-la e que sabe criar plurissignificações a partir de um código significante que sem dúvida não é infinito. No entanto, o jovem contista — principalmente o da classe desfavorecida — tem lugar também contra o obscurantismo que paira sobre as nossas letras. A orgia que esse escritor faz com o tempo ficcional é uma maneira de compensar a escassez do seu tempo concreto. O escritor burguês usa o excesso do seu tempo na leitura de Olavo Bilac...”

a partida do trem para Urech; o espião acaba de adentrar numa loja qualquer da Rua São Bento; o frio é de engelhar as pessoas, o espião precisa de lâ; queria ele estar agora em seu tempo primeiro, numa cabana qualquer nos rochedos centrais de Creta, então o frio não o molestaria tanto, pois todo cretense, segundo a Enciclopédia Barsa, comia muita carne de carneir e asnos. A rua São Bento de repente começa a tremer: solavancos solavancos solavan cos sola van cos. As pessoas, muito reais, apavoram-se; todas elas são muito vulgares também; as mulheres, observa o cretense, não possuem a magnitude augusta da rainha salva astuciosamente por Teseu. Parecê-lhe que essas pessoas vivem num eterno estio. Muitas delas dão gritos horripilantes, é quando o coelho cretense pode perceber que aquelas bocas são todas desdentadas; outras não podem gritar, estão como que amordaçadas por uma toalha invisível.

Longe, algo começa a silvar estrepitosamente, e se aproxima do centro da cidade. O trem, engolfado pela fumarada da maquinária, está parando na plataforma de Urech. O personagem espadaúdo, algo implacável, samurai de honra do demônio Malício, que há milênios contenda contra o deus Harmônis, origem e força do bem, solta um suspiro de impaciência e ódio — ódio cuja razão de ser é a sua própria impotência. Sabe o personagem das quimeras que lhe dão vida, e particularmente talvez não acredite muito nos poderes de Malício. Mas eis o absurdo: a desconfiança; Malício não passa de um Conde que outrora muito potente construiu no condado das idéias o seu castelo de sombra. Eis porque talvez Malício seja antagonico ao nosso Deus Harmônis, cujo esplendor reside na certeza refulgente do palácio de fogo, no

centro do sol. O fogo... por isso a fumarada do trem irrita os olhos do personagem. Procura disfarçar, a missão é mais importante. Aprendera nos manuais de bravura do demo Malício que as impaciências mesquinhas do indivíduo devem ser sufocadas para que os interesses coletivos tenham bom êxito. Espirrou duas vezes, achou-se ridículo; a maldade cederá lugar a um pobre espirro!

O trem está parado. A fumarada esvaíra-se no tempo. Algózio, o espadaúdo, esforça-se em parecer com um simples camponês migrando a alguma fazenda erma¹.

A rua está completamente deserta. Nesta banda do universo o sol cederá lugar às trevas. O espião cretense perambula por entre os ermos de concreto. Aquelas mulheres desdentadas caíram num sono profundo, acordando somente para ingerir a pílula anti-cárie. Noutro dia, nem que chova canivete, terão que trabalhar. São elas as produtoras daquela enxurrada pútrida que desce pelos esgotos dos restaurantes da cidade. Todas elas vivem num tempo linear, depois da vida talvez só os sete palmas, isso se a consideração cristã pagar a certidão de óbito. Mas o cretense não está preocupado com as minhas confabulações. Quando o coelho da estepe esgueira-se por entre os rochedos é porque se trata de encolher-se para o reduto mais recôndido de si mesmo. Mesmo os seres cuja existência é integralmente abstraída só conseguem preservar-se através da emoção. A rua está deserta, enormes prédios envolvem a existência de todos os viventes. E o cretense, trazido pelo acaso da memória ao tempo presente, receia que as bordas invisíveis de Malício tenham desvendado o seu anonimato. Aqueles prédios se lhe parecem com certos samurais do rei Palas de Tebas: enormes, circunspectos e traidores.

Algózio acomoda-se numa das velhas poltronas do último vagão, de onde pudesse vislumbrar todos os detalhes das coisas que ficassem. O trem ensaia os primeiros movimentos; os camponeses procuram acomodar-se da melhor maneira pelas dependências surradas pelo tempo daquele trem histórico; em seus semblantes singelos pode-se entrever, em meio às crateras que a miséria furou, uma débil estampa de esperança. O trem arrancara e já sacoleja rasgando as extensões do horizonte. O vai-vem dos corpos é algo constante e imperceptível; os ferros rangem sobre os trilhos; a carne é retalhada a navalhadas; um pequeno aldeão tritura com os restos de dentes a posta de jabá remanescente do verão passado. Algózio sente náuseas profundas, dentro dele as eras despenham-se numa avalanche. Aquela miséria exterior é mais poderosa, presente ele, que todos os exércitos de Malício. Uma golfada de vômito jorra-lhe das entranhas; os campônios arredam-se para o canto oposto do vagão; as facas retalham a carne-seca que resta e que é empurrada vorazmente às profundezas daqueles labirintos desnutridos. O vômito multicolorido escorre pelo piso do vagão e desliza para o chão árido daquelas ermas paragens². Dos detritos de algózio nascerá a árvore do mal que o deus Harmônís plantará no centro Éden. Sem imaginar, algózio acabara de fornecer a matéria de que milênios mais tarde seria feito o pecado. E a mãe Eva comerá a fruta proibida sem imaginar que a tal fora fruto de um vômito expelido na presença de camponeses famintos.

Nesta banda do universo o crepúsculo da manhã invade o temor do cretense. Os edifícios aos poucos vão perdendo suas fisionomias de monstros; o fogo que escorre do sol através das eras reflete nas suas geometrias pitagóricas emprestando-lhes a magnitude homérica dos escudeiros do rei Minos. Isso conforta o cretense, traz a sensação de que o inimigo padeceria de algum contratempo nas reentrâncias de certas montanhas encravadas no âmago de certos labirintos. Precisa avançar com eficiente rapidez, antes que o algoz

construa suas barricadas nos portais da cidade.

O trem a 30 minutos fará parada em Urech. O espião cretense não conhece o inimigo mas já pressente os sinais de sua ameaça. O trilho fere as engrenagens, a fumarada é sugada pelo espaço; misteriosamente um odor denso e intragável afoga a cidade (seria o vômito de Algózio?), a população sai às ruas em confusão e alarido; a rádio nacional instrui para que todos os chefes de família vetem a fossa de suas casas; velinhos, tuberculosos e asmáticos são os primeiros afetados pelo ar empestado; ambulâncias desesperadas tentam furar o cerco do trânsito engarrafado. Algózio também não conhece o inimigo, mas saberá ver o seu estigma. Para ele é verdade infalível que o espião se encontra em Urech. E o trem está a 15 minutos de Urech. No entanto, Urech nada mais é do que uma cidade soterrada pelos escombros de muitas gerações.

Não havia o que esperar. Ele precisava fugir. Mas para onde? Pressentia que o inimigo se aproximava irredutível e hostil como uma prensa metálica. A rádio nacional passara a ordenar a evacuação da cidade. Na torre de controle, os computadores anunciam que um fenômeno estupidamente inédito terá lugar dali a 5 minutos. E o trem está a 5 minutos de Urech.

Entretentes, o cretense anda a esmo pelas ruas agora já quase desertas, não sabe o que fazer; à medida que se aproxima a hora, uma tensão intempestiva expande-se dentro dele, e na irracionalidade absurda do seu medo só consegue pensar que ainda há tempo para ser socorrido pelas forças de Harmônís.

Num templo de marfim o destino do cretense é debatido. Um ancião cujas cãs são como a púrpura da manhã recita a um auditório seletivo a sua mais recente audácia estilística. Trata-se de versos imateriais, versos feitos de suaves trejeitos que carregam em sua mudez o momento eterno. É apaludido pelo curso de alguns anos. Um outro ancião, este um eloqüente aedo, cujos olhos de fogo exprimiam a ardência selvagem das eras sem reis nem moral, reduziu a cinzas a teoria dos versos imateriais do primeiro ancião e sobre elas teceu, com palavras obscenas que scandalizaram a platéia, a teoria que resgatara ao pesquisar o lixo fóssil de dez gerações.

A cidade naquele momento ficara para trás abandonada. Todos fugiram como lebres apavoradas. Aquele fedor insuportável cederá lugar a um longínquo tremor, como se uma erupção monstruosa estivesse em gestação no ventre da terra.

Somente alguns avaros retardavam-se pelas ruas procurando a qualquer custo salvar seus bens carregando-os nas próprias costas. Cansados, iam resfolegando em seus passos estropeados de bestas-de-carga. Entre eles, um chamou a atenção do cretense. Sim, o cretense divisara entre a palidez daquele rosto desconhecido o sinal esperado com ansiedade. Aquele homem poderia salvá-lo.

O ancião dos olhos de fogo advertiu a assistência do grau de complexidade da sua teoria da arte da libertação e que esta jamais seria entendida por um preguiçoso. Os ouvintes fizeram então ares de espertos e o venerável ancião prosseguiu dizendo que naquele instante um homem se encontrava em perigo de vida ou morte e que só um bom estilo poderia salvá-lo. Mas, pelo aspecto patético daquelas caras obesas e bestiais, ninguém pareceu entendê-lo. E o ódio em forma de fogo e enxofre agigantava-se no centro da terra, um ódio cego que explodiria na epiderme de um único homem. O ancião continuou: "O meu estilo tem o poder de resgatar esse homem; basta que vós, razão e ser desta geração, aceiteis a arte como um instrumento de salvação".

O cretense dirigiu-se àquele homem magro de suíças estreitíssimas que descendo até ao queixo uniam-se ao cavanhaque branco e de cabelos tão finos como a seda. O tremor, antes longínquo, agora parecia estar a poucos metros da superfície. O que seria daquela cidade se a terra vomitasse todo o seu ódio? O rosar do monstro sob seus pés advertia-o da hora já avançada; precisava ser breve, não tinha nenhum segundo a perder. De uma coisa estava certo o cretense: aquele homem estava ali por sua causa, o sinal encravava-se em seu rosto esquisito de mandarim mágico. O homem já enveredava por uma ruela escura espremida entre enormes edifícios abandonados quando o cretense a passos largos o alcançou. Bateu em seu ombro, o homem prosseguiu andando por alguns segundos; o cretense insistiu, já com certo desespero. Teria havido um engano? Finalmente, ao persistir pela terceira vez, o homem deteve-se com um movimento brusco de ombros. Por um instante curtíssimo houve um diálogo intenso de olhos, até que uma luz diáfana refletiu deles. Não trocaram uma só palavra; num gesto rápido o homem retirou de entre a manta um pequeno livro e o estendeu ao cretense.

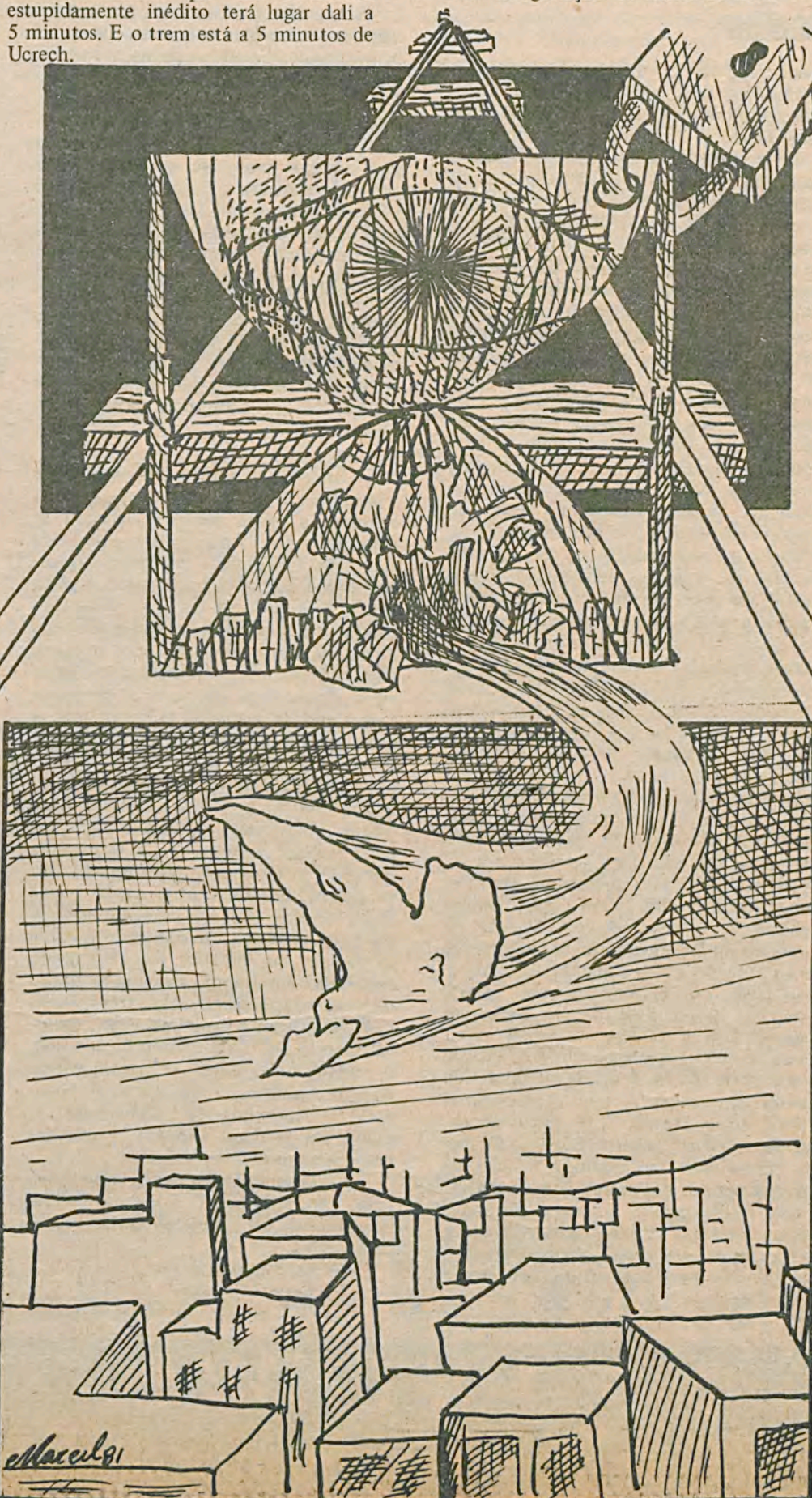
Um estrondo medonho retombou no espaço; os dois homens já haviam se debandado, quando o cretense, percebendo a hora chegada, alçou um último olhar àquela cidade parcialmente em chamas que se perderia sem memória nem tempo nesta banda do universo que ele deixaria para talvez nunca mais. Estremeceu com a visão horrenda. Pelotaços de rochas de muitos quilômetros eram lançados do centro da terra entre jorros fosforescentes de lavas que pintavam de sangue o céu para todos os lados; um edifício de muitos andares fora arrancado naquele instante pela força diabólica daquele pulmão cujo sopro expelia o ódio da terra retido por muitos séculos. Dali em diante não perdeu mais tempo; abriu o livro e, depois de leve hesitação, enveredou pelo primeiro capítulo (ao leitor, extremamente familiar):

A CAPTURA

I

"O personagem foi amassando raivosamente e devagar os degraus que o levariam ao trem que uma hora depois faria parada em Urech. O personagem seria alto, caixa torácica espadaúda, teria uma cicatriz na cara, quem o visse na sombra da plataforma julgaria estar diante de..."

O ancião de olhos de fogo imortalizou-se pela sua teoria da arte da libertação. Provou a todos que o homem em perigo, ou seja, o cretense, fora resgatado, pelo seu grandioso estilo, argumento irrefutável durante séculos, até que o



cretense, por ter se refugiado no interior de sua própria história, e porque a continuou lendo, de novo se deparasse com a mesma cidade em chamas e ameaçado por Malícia através do seu servo Algózio, o que pôs por terra a tentativa da arte da libertação. A partir daí, um outro ancião, ao perceber que o conflito entre Harmônis e Malícia persistira a despeito da engenhosa teoria do ancião dos olhos de fogo, imortalizou-se com a seguinte máxima: "O universo é regido por dois princípios que se combatem; o bem ou Deus, e o mal ou o Diabo". Este ancião era Mani, que viveu no século III na Pérsia.

Um milênio depois, ao entrar o cretense num outro tempo e numa outra história, a teoria de Mani ruíu como as anteriores.

¹ Hoje só restam fragmentos desse episódio aleatoriamente distribuídos pelos vastíssi-

mos tomos de uma esquecida enciclopédia grega. Deduz-se que, na turbulência da guerra do Peloponeso, Eclásius, mordomo de Caleb, não teve o tempo e o clima propícios para escrever e reordenar os manuscritos deixados pelo amo. Apenas um fato curioso: Eclásius talvez tenha sido o primeiro pária da história a saber manusear o instrumental dos escribas. Daí o caráter democrático da civilização helena. Por outro lado, me parece certas vezes que essas lacunas no desenrolar da captura do tempo pelas horas de Malícia, são fruto articulado de um plano engendrado por Harmônis para que ao ato de narrar se confira um significado de total liberdade. Ora, se não fossem essas lacunas no enredo, os narradores do passado e do por-vir não poderiam exercer o seu livre arbítrio. Estaria aí, pois, a origem dos infinitos tempos. (N. do E.)

² Em 1755 uma onda de 540 metros de crista invadiu a cidade de Lisboa sucumbindo grande parte da população. Governava a cidade o mais notório dos déspotas, daí pensar-se que a hecatombe fosse a manifestação de desagrado do deus Harmônis ante a expulsão dos jesuítas das terras de santa-cruz. Crasso engano. (N. do E.)

3º Lugar

A Traição

Fábio Coelho



Estudante de Direito, monitor, representante do DCE na Comissão de Reforma de Estatutos e Diretor de Ensino do CA "22 de Agosto".

"Não sou escritor. A única coisa que escrevi foi este conto, cujo título verdadeiro deveria ter sido "Metabolismótico". Na verdade, não me sinto muito à vontade escrevendo em discurso literário e caio facilmente num didaticismo inconveniente.

O que mais me agrada neste conto é o fato de J. assumir diversas posturas gnoseológicas para equacionar uma realidade hostil. Ele começa por uma postura a-metódica, passa pelo empirismo, idealismo, formalismo até chegar no existencialismo. Todos insuficientes."

J. não saberia falar sobre a guerra. Não se interessara por ela e este assunto, inclusive, o enervava muito. Procurou, durante o tempo em que ela durou, manter-se afastado dos noticiários da Televisão e dos jornais, ocupando-se, sempre, de seu trabalho e de seus planos. Não acreditava que a guerra pudesse modificar sua vida e deixou-as aos cuidados dos políticos e dos governantes. Chegou a esboçar um ligeiro sorriso quando o moço que servia o café, certa manhã, disse, quase gritando, a ele e a seus colegas de seção:

— Como a guerra acabou ontem, não vou mais servir café...

Seu pequeno interesse voltou-se para o anúncio do fim da guerra e nem o preocupou o fato de aquele moço não querer mais servir café na seção. Amanhã, pensou J., viria outro moço substituí-lo e tudo voltaria à normalidade. Continuou

seu trabalho. O trabalho de J., assim como dos seus colegas de seção, era o de carimbar uma série de papéis, cujo significado e a utilidade desconheciam, para o chefe da seção assiná-los sobre o carimbo. Em breve, imaginava, o chefe da seção seria promovido e no seu lugar ficaria um dos carimbadores. E qual deles poderia ser escolhido senão o próprio J., que sempre demonstrava empenho, dedicação e responsabilidade? Ademais, a função de chefe da seção só exigia do funcionário que ele soubesse assinar seu nome sobre um carimbo. O chefe também não precisava saber pra quê servia aquela quantidade imensa de papel que, diariamente, traziam para a seção. É óbvio que alguém sabia e poderia corrigir eventuais vícios, mesmo depois de carimbados e assinados, mas essa deveria ser função de um diretor ou um coordenador e isso não era preocupação de J.: sua ambição e, conseqüentemente, seu interesse, alcançava apenas o cargo de chefe. Entre uma carimbada e outra, pela sua mente desfilavam, apenas, o cargo almejado que, acreditava, em breve ocuparia e o comportamento de L., sua esposa. "Maldição! Quase não consigo trabalhar direito devido às suas travessuras". L. era uma boa moça quando se casaram. Prendada, honesta, dedicada... Nunca respondera alto para J. e sempre o respeitava muito. Não tinham filhos e J., às vezes, nem se lembrava desse fato. Mas, ultimamente, L. havia assumido atitudes que causavam estranheza a J.: começava pelo fato de que ela estava se envolvendo muito com essa maldita guerra, se interessando por assunto de homens importantes como os governantes e os militares e não tratando, como deveria fazer, dos afazeres da casa. Falava, até, em deixar tudo para ir pegar em armas! Mas J., apesar de tentar evitar sempre esse pensamento, tinha certeza de uma coisa só: ela o estava traindo! Não sabia com quem e nem porquê, mas tinha quase certeza. Que outro motivo, senão a traição, poderia levar uma mulher a desrespeitar seu marido? E falar da guerra para J. era desrespeitá-lo, pois L. sabia muito bem o quanto J. detestava esse assunto. Voltou aos carimbos, concluindo que o comportamento dela ainda iria prejudicar sua ascensão ao cargo de chefe.

No caminho de volta para casa,

andando pelas ruas de cabeça baixa e apressadamente, J. pensou que, em breve, seria promovido a chefe da seção. Estranhará que, na rua, algumas pessoas se pareçam fisicamente, com ele. Concluiu que estava muito cansado e apressou o passo.

Durante o jantar, não olhava para L.; era preciso, para demonstrar quem mandava em casa, que praticamente ignorasse a esposa. Ouvira-a dizer alguma coisa como "sair de casa..." Ora, justamente ela, que sempre esteve tão ligada com o assunto, não sabia que a guerra já havia acabado e continuava com aquela mania de pegar em armas!

Na cama, ocorreu-lhe que há muito não fazia amor. Relutou um pouco devido às suspeitas de infidelidade ao comportamento da esposa, mas, justificando-se para si, pensou que talvez L. estivesse querendo dizer, de forma indireta, já que era honesta, que gostaria de alguns carinhos. Imediatamente começou a acariciá-la, mas L., virando-se firmemente para J., reagiu, dizendo:

— Você não entendeu o que eu falei durante o jantar?

L. continuou falando, mas J., estupefato, não ouvia mais nada. Não se assustou pela recusa da mulher e nem pelo que ela estava falando. Assustou-se, e muito, porque sua esposa estava idêntica a ele: o mesmo rosto bruto, o mesmo cabelo com brilhantina, o mesmo bigode fino, o mesmo corpo barrigudo e flácido, a mesma voz, o mesmo sexo... Não poderia ser verdade!... Tentou esfregar os olhos, buscar alguma explicação para aquilo, mas não encontrou. Era como se estivesse olhando um espelho: L. havia assumido todas as suas feições, os seus trejeitos, tudo... A esposa terminou sua bronca, voltou-se para o seu lado da cama e cobriu-se melhor. J. não conseguiu dormir senão muito tarde, tentando, sem o conseguir, achar alguma explicação razoável para aquilo. Foi ao espelho do banheiro diversas vezes para conferir se não teria sido uma troca de corpos. Não... J. continuava como sempre fora.

II

Acordou de sobressalto, tentando se convencer de que não vivera, apenas sonhara, a noite anterior. Afastou as cobertas e notou que a esposa já havia acordado. Percorreu a casa toda e percebeu que a esposa já havia saído. Melhor ainda. Não gostaria de encontrá-la tão cedo e se a encontrasse novamente com a forma da noite anterior, com o rosto, com o corpo de J., preferiria não vê-la mais. Apressou-se em vestir e deixou a casa rumo ao trabalho. Olhando para o chão, tentava acalmar-se e pensar melhor sobre o que havia acontecido. Resolveu partir da premissa de que era impossível alguém roubar a forma física de outra pessoa, mas não conseguiu concluir nada porque a realidade a desmentia. Somente interrompeu, bruscamente, seu raciocínio quando outro susto o fez quase desesperar-se: na porta do edifício em que trabalhava, um caminhão recolhia os móveis; viu, inclusive, sua mesa sendo recolhida; entretanto, assustou-se muito mais quando percebeu que os três homens que carregavam o caminhão eram, todos, idênticos a ele, J.! O mesmo bigode fino, o mesmo rosto bruto, o mesmo cabelo com brilhantina... "Mas como é possível?..." Aproximou-se lentamente e, quase em soluços, indagou a um dos homens o que estavam fazendo.

— O senhor não sabe? — respondeu com naturalidade — Todas as seções burocráticas de antes da guerra serão desativadas...

A postura enervou J.:

— Como? Por que?

— Ora, aquela montanha de papéis

não serviam para nada mesmo.

— Devolvam todos os móveis — gritou J., pois o chefe da seção está para chegar e ele não vai gostar...

E poder ensinar aqueles homens a grande utilidade de todos os papéis carimbados e assinados, que nem mais o preocupou o fato de aqueles serviços parecerem-se com ele. Ah, quando o chefe da seção chegasse... Foi até a esquina esperá-lo. Se J. já tivesse sido promovido aqueles boçais iam ver... Aos poucos, voltaram-lhe as indagações, pois não só L. e os três homens do caminhão haviam assumido seu corpo, mas todos, todos que por ali transitavam. Notou, ainda, que algumas pessoas, como ele, estranhavam a rua, mas a maioria agia com naturalidade, sorrindo, parecendo feliz. Ocorreu-lhe que talvez a guerra fosse responsável por aquilo e lamentou não ter se interessado um pouco mais. Possivelmente, concluiu, a seção fora transferida para outro lugar e aqueles serviços estavam fazendo a mudança. Foi somente por raiva que eles disseram que a seção havia sido desativada. Esses serviços!... Correu em direção ao edifício para saber se alguém poderia informar-lhe sobre o novo endereço. Esboçou, ainda, algumas razões sobre o prejuízo que essas mudanças repentinas trazem ao seu trabalho. Parou diante da porta fechada: não havia mais nada lá, nem caminhão, nem ninguém, nem qualquer informação escrita. Tentou se concentrar... Provavelmente, iriam avisá-lo em sua residência; o que teria para fazer, portanto, seria voltar para casa, descansar o resto do dia e esperar algum mensageiro que lhe informaria o novo endereço. Já tinha dado meia-volta quando se lembrou que L. já deveria estar em casa novamente... Não queria encontrar a esposa com seu corpo, pelo menos enquanto não encontrasse uma explicação para aqueles misteriosos roubos... Havia roubado seu corpo, multiplicaram-no, dando um para cada ser humano. A guerra deveria ter matado a todos, eliminando os seus organismos e os cientistas deveriam ter visto nele, J., um corpo exemplar para distribuir entre os mutilados... "Mas é claro, concluiu, eis a explicação! Como a tecnologia está avançada. Sem que eu o percebesse, tiraram o modelo de meu corpo e o transferiram a cada homem que havia perdido o seu na guerra..." De repente, ocorreu-lhe que talvez tivessem vendido o seu corpo e pensou que seria bastante justo ir cobrar uma porcentagem do lucro obtido na venda... Quando pensava em quem procurar para reclamar seu dinheiro, ouviu alguém chamá-lo.

— J.!

Virou-se... um daqueles inúmeros corpos iguais ao seu corria em sua direção com os braços abertos gritando o seu nome. Reconheceu-o de imediato: era P., o amigo dos tempos da juventude. P. aproximou-se e o abraçou fortemente. J. nunca gostara muito dessa mania de seu amigo, pois incomodava-o desfilando-o. Naquele momento, entretanto, o abraço serviu-lhe de conforto. Não tanto pelo calor do corpo amigo, mas porque lembrou-se de que ele era uma pessoa interessada em política desde jovem e poderia confirmar sua conclusão sobre a guerra e orientá-lo sobre quem procurar para reclamar o dinheiro pelo uso de seu corpo. P. convidou-o para uma cerveja. J. aceitou e se dirigiram a um bar. J. estranhou que P. não chamasse o garçom e fosse direto pegar as garrafas. Mas como estava muito interessado no dinheiro que iria ganhar, não ligou muito. Esperou P. sentar-se e perguntou:

AGRADECEMOS:
Livrarias Cortez, Manduri, Moraes, Saraiva e Autores Associados.

— O que aconteceu, P.? Todos estão usando o meu corpo...

O amigo estranhou a observação de J., coçou a cabeça, olhou em volta e disse:

— Ninguém está usando o seu corpo, J.

— Como ninguém? — retrucou — eu olho em volta e só vejo a mim mesmo. Até as mulheres tem um rosto igual ao meu, com bigode e tudo...

P. sorriu tomou da garrafa e serviu-se:

— Ninguém está usando o seu corpo, J. Você é que está vendo a todos como se fossem iguais a você.

J. não entendeu, isto é, percebeu que não havia acontecido a venda de seu corpo e, portanto, não iria ganhar dinheiro.

— Quer dizer que as pessoas continuam como são, mas eu as vejo como se elas fossem que nem eu?

— Mais ou menos... — sorriu P.

— Como mais ou menos? — gritou J. nervoso.

— Calma... veja eu, por exemplo. Eu vejo você usando meu corpo, assim como vejo aquelas duas mulheres usando, também, o meu corpo... Todo mundo, para mim, é fisicamente igual a uma pessoa: eu mesmo. E isso vem acontecendo com todo mundo depois do fim da guerra.

P. tomou um demorado gole, deliciando-se.

— Depois da guerra — continuou —, Todos passaram a se ver assim... Aqueles que participaram da guerra começaram antes... sofreram essa transformação no campo da batalha e ficou até mais fácil identificar o inimigo e aniquilá-lo. Aque-

les que, como você, não foram à guerra, e sobreviveram, estão sofrendo essa transformação agora. Veja bem, entretanto, que não foi isso que motivou a guerra, mas, ao contrário, foi a guerra que permitiu que nós nos transformássemos a ponto de somente conseguir ver nos outros ninguém mais que nós mesmos. E como o físico deixou de ser útil para as pessoas se identificarem, fomos obrigados a superar-nos, buscando outros elementos de identificação. Descobrimos os amigos, os companheiros...

J. não parecia ter acreditado.

— Eu não reconheci você? Você não me reconheceu? — completou P. — Então, é porque nós somos amigos.

— Não pode ser... — retrucou J. pensando em seu dinheiro — Deve haver alguma lei proibindo isso.

— Lei?... Ora, J., para quê lei se todos, agora, somos iguais?

— E o meu emprego? Eu ia ser promovido a chefe de seção.

— Bom — respondeu P. pausadamente —, em primeiro lugar, todas as seções burocráticas foram abolidas... não tinham utilidade... Em segundo lugar, para que adiantaria você ser chefe de seção?...

P. tinha razão: J. tremeu ao perceber que se todos viam nos outros apenas a si mesmo, de nada adiantaria ele, J., ser chefe de seção, porque ninguém iria reconhecê-lo como tal. Na verdade, todos seriam, a um só tempo, chefe de seção, carimbador, diretor servicial. J. sentiu-se, repentinamente, traído. Por que, afinal, haviam feito isso com ele? Era apenas um cargo de chefe de seção que ele queria. Nada mais... Não havia tomado partido na guerra, nunca fizera mal a ninguém... Não custava nada deixá-lo

em paz com seus carimbos... Não precisavam acabar com ele daquele jeito.

— As jóias, roupas, a cor da pele, o sexo, tudo que fazia a grandeza das pessoas, porque as diferenciavam, perdeu todo o sentido — Arrematou P., — uma vez que ninguém, a não ser o próprio dono, consegue ver essas falsas riquezas e, o que é mais desestimulante, vêm-nas em todas as outras pessoas... Isso não é maravilhoso, J.?

J. levantou-se calado, triste. Não precisavam acabar com ele daquele jeito. Perdera o emprego e o dinheiro pela utilização de seu corpo. Precisava ir para casa esperar o mensageiro que iria avisá-lo do novo endereço do edifício que abrigaria sua seção. Precisava descobrir o nome do responsável pelo pagamento da porcentagem da venda de seu corpo... Queria voltar desesperadamente aos carimbos, aos seus sonhos de promoção, ao mundo de antes da guerra. Caminhou lentamente até a porta do bar e não se despediu de P.

III

J. abriu a porta de sua casa desanimado. Sem lei, sem seções, o mundo viraria uma bagunça. As pessoas, ao contrário, pareciam muito felizes com as mudanças e, no caminho, J. percebeu que diminuiria o número de pessoas perplexas como ele... Sentou pensativo no sofá e novo susto: a casa não havia sido arrumada, estava do jeito que havia deixado quando saíra para o trabalho. "Maldição! O que L. teria feito o dia todo?" No quarto, viu que as roupas de sua esposa haviam sido retiradas do armário e somente quando voltou à sala viu um bilhete que deveria estar lá desde manhã: "J., adeus, estou com C." Amassou o bilhete. Desaforada! Como poderia ter

feito isso? Não se deteve para pensar. Foi ao quarto, pegou o revólver que mantinha escondido no criado-mudo e proclamou enquanto o armava com balas:

— Há coisas que não mudam! No tempo de meu avô e de meu pai, a honra se lavava com sangue. No meu tempo e do meu neto também, sempre será assim!

Saiu correndo à casa de C., aquele maldito de quem sempre desconfiara. "Então era com ele. Maldita seja, L., pensei que você era preñada, honesta e dedicada, mas não passa de uma como outra qualquer..."

Com um dispensável chute, abriu a porta da casa de C.. Ocorreu-lhe que se não havia leis nada poderia impedir-lo... "Eu não disse que ia ser uma bagunça?..." Subiu a escada rapidamente, pulando alguns degraus e deteve-se na porta do quarto para conferir a arma. Do outro lado da porta, ouviu os beijinhos que L. e C. trocavam. Irou-se. Abriu-a e estendeu o braço apontando o revólver para L. e C. que estavam na cam. Mas J. não conseguiu atirar: os dois corpos que viu eram idênticos ao seu e uma pergunta o incomodou na hora de apertar o gatilho:

— Afinal, quem está traíndo quem?

Deixou cair a arma. Volveu-se com vagar e retirou-se lenhamente. Teve o cuidado de fechar a porta. Desceu os degraus de uma escada que parecia maior que aquela na qual subira.

J. respirou aliviado na rua... Aos poucos, tudo parecia mais lógico e real. Ficou contente por estar vivo e percebeu que, finalmente, era livre. Viu as pessoas passando felizes e voltou para a casa com a intenção de arrumá-la.

4º Lugar A Vida de Ana

Milton Augusto



Estuda Psicologia, trabalha numa loja à noite, faz um trabalho de educação em Taubaté com o pessoal sindicado num presídio. "Minha origem social é aquela do conto e estou batalhando para juntar fundos prá abrir uma escola".

I

Ana levantou-se, como de costume, às sete horas. Atravessou a casa de paredes ásperas e brancas e dirigiu-se a um pequeno pátio de altos muros e em forma de corredor. Atravessou-o plácidamente. O sol brilhava calmo e ela podia ouvir os sons do pouco movimento na rua. Deteve-se diante da porta lateral da igreja, pensou alguns segundos no que deveria fazer durante o dia todo. Abriu a porta, entrou e ajoelhou-se defronte o altar fazendo um sinal da cruz.

Logo depois chegou D. Carmem, a mulher que deveria limpar a pequena igreja e arrumar as flores do altar. Ana cumprimentou-a e saiu em seguida. Deveria arrumar-se para receber o tio e acompanhá-lo nas visitas aos fiéis necessários, como de costume. Voltou à casa, subiu ao seu quarto e abriu a janela, deteve-se por um minuto a observar a preguiçosa aldeia de Bera. Por vezes sentia-se enfatiada da Espanha, das obrigações que o tio, o cônego da pequena vila, lhe impunha, das tias,

velhas damas decadentes e cheias de mesuras.

Por vezes, Ana pensava em ver o mar, poder singrá-lo, partir rumo as terras mouras, conhecer os Sheiks e ver os cavalos em exuberantes caravanas pelo deserto. Sonhava ser uma princesa árabe, disputada por reis e esgueirando-se por palácios de arabescos. Logo seus sonhos de menina se foram, e a mão veio apressá-la para apressar-se. Penteou os longos cabelos louros e mirou no espelho os olhos azuis que a faziam orgulhar-se. Em breve o tio já estava a esperá-la na porta da rua.

Bera era uma pequena província ao sul da Espanha. Trazia consigo as marcas do domínio árabe, as velhas construções de estilo mourisco, as estórias dos heróis da libertação e as pessoas de pele bem morena e os olhos e cabelos claros. Corria o ano de 1890, as safiras de uva não prometiam a fartura de anos anteriores, a provinciana preguiça de Bera tingia-se de um tom suave de preocupação.

Ana era sobrinha do cônego, o cura como o chamavam. Uma figura de destaque na vila e que todas as manhãs, infalivelmente, requisitava-a para a romaria a casa dos fiéis enfermos ou dos que careciam de conforto espiritual. O pai de Ana, ela não o conhecia, sabia dele apenas que havia partido após uma safra muito boa de uvas, não deixando nada para a filha e a esposa. Lembrava-se quando haviam mudado da casa da fazenda para a pequenina casa paroquial ao lado da Igreja, dos repentinos cuidados do tio e das caridades das tias ricas. Esta fora a infância de Ana.

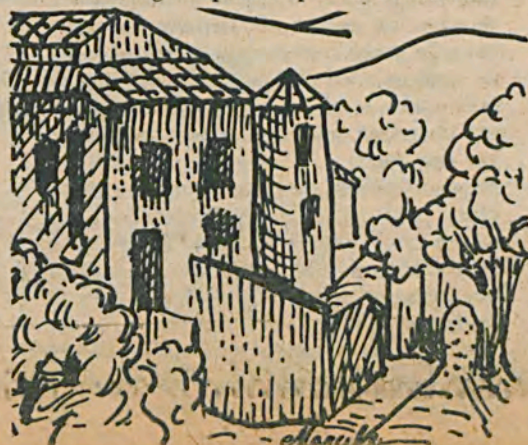
Seu passeio preferido era visitar um velho palácio mouro quase em ruínas, nos arredores de Bera. A antiga construção fora tomada pela igreja já há muito tempo e não raramente era hospedaria de bispos e celebridades católicas. A construção consistia em um grande quadrado, com muitas janelas e uma

porta principal. Dentro havia um pátio interno com uma fonte e muitos arcos ogivais. Ana sempre detinha-se aí, sentada à beira da fonte, ouvindo o trinado da água e imaginando os soluços de uma nobre mourisca, que naquele mesmo lugar aguardara por anos a fio o seu homem. Por vezes seu soluço confundia-se com os da fonte e Ana era naquele momento a princesa da eterna espera. A isso se resumia a sua vida.

Ana já tivera um corvo. Para os habitantes de Bera, possuir um pássaro daqueles era sinal de simpatia da sorte. Por vezes divertia-se procurando algum pequeno objeto metálico que o animal havia escondido nalgum recanto da casa. Dois ou três dias antes o pássaro havia ido embora. Ana lembrava-se de seu vôo e ficava a pensar que outras terras o animal estaria conhecendo, seus olhos e sua mente vivava com ele.

Ao voltar da romaria com o tio Ana já estava decidida, juntou tudo o que possuía, poucas jóias, algumas roupas e uns poucos livros que falavam sobre Deus e a fé. Roubou também alguns objetos da igreja e algumas Pesetas da caixa dos pobres. Vendeu o que podia pelo preço que conseguia e uma semana depois estava pronta para ir embora. Deixou a casa numa madrugada morna, vestindo um vestido escuro de tecido resistente, uma mantilha preta bordada e uma peina de osso de lhe segurar os cabelos, a única coisa que levava da mãe.

No porto, conseguiu passagem na classe de imigrantes de um navio de última viagem que iria para o Brasil, terra



que mal ouvira falar e que sabia selvagem e despovoada. O grande número de homens, mulheres e velhos (algumas crianças) que se apinhavam no quase porão do navio, deram-lhe o alento e segurança para arriscar-se na viagem. Deliciosa loucura que lhe dava o sentido do futuro, o aventurar-se não envolvia, até aquele momento, nenhuma perda.

Vinte dias bastaram para que lhe enfatiasse perder os olhos pela imensidão do Atlântico. As famílias eram fechadas e o tempo todo cuidadosas com seus poucos pertences. A única pessoa que lhe confiara um sorriso era um velho de aparência basca, que viajava com seu filho. Ana não tardou a conversar com o velho, que parecia gostar muito dela, passava longas horas a confiar-lhe recordações e desvendar-lhe planos para o futuro do filho: fazer a América. O nome do velho era Francisco, e do filho Mariano. Ana tinha dezenove anos.

II

Já tinham um mês e meio no Brasil. No começo, foram tempos de arrumar papéis e fazer documentos. Noites dormidas nas portas das repartições públicas, explicações que não se podiam entender e vistos de permanência que nunca saíam. Depois fora o procurar um lugar para morar. As casas, nem se cogitava. Terminaram num dos enormes cortiços do Brás, na rua Caetano Pinto.

A rua tinha uma disposição pitoresca, de um lado os cortiços de italianos e do outro os de espanhóis. O deles era o Quintalão. Um enorme corredor com muitas portas e janelas de ambos os lados, no fundo três tranques e um único banheiro. Cada porta era um quarto no qual não dormiriam bem mais do que três pessoas, no entanto era dormitório, sala e cozinha para famílias de muitas vezes oito ou mais pessoas.

Compartilhava-se lá o ferverilhar da miséria de muitos. Cada nascimento, cada morte, cada adultério e cada desemprego. A língua comum, a fome comum e a decepção comum era partilhada por todos. A rivalidade por um emprego de

ganho miserável era sempre entre os espanhóis de um cortiço e os italianos de outro, nunca entre os habitantes de um mesmo lugar. Isso o fazia compartilhar também a alegria de uma vaga obtida.

Quando Mariano conseguiu empregar-se como mecânico da Companhia dos Bondes, Ana já esperava o primeiro filho dele. Com o primeiro ordenado acharam por bem casar-se. Ana já havia pensado então pelo arrendimento, pelo medo, pela fome e revolta e pela primeira noite de amor vazada de arrependimento, medo, fome e revolta. Depois desta, muitas outras com esperança, desejo, ira e saudade.

O emprego de Mariano mal lhes garantia o que comer e o aluguel do quarto. O velho Paco, Francisco, mal podia andar e seu xodó por Ana transformara-se num amor maternal e repartidor das necessidades. Os três acalentavam o filho no ventre de Ana assim como a esperança dos dias mais fartos.

A resposta à primeira carta de Ana vinha contar-lhe que o tio já havia morrido, e misturado ao ressentimento e saudade vinha o júbilo e a alegria pelo primeiro neto. Depois desta carta, Ana manteve-se obstinada na intenção de trabalhar para poder mandar uma passagem para a mãe, mas a gravidez não lhe permitiu e poucos meses após o nascimento de Maria, ela veio a saber da morte da mãe.

A Ana restava-lhe o que tinha aqui — a filha. Mariano e o velho Paco. Na filha a necessidade de lutar ferrenhamente pelo futuro, em Mariano o braço forte e quente, no Velho o pai, que lhe ensinara o lavar a roupa, o cozinhar e lhe cuidara das mãos que a princípio sangravam.

Após Maria, vieram Manoela, Manoel, Mariano, Celeste e mais dois que se foram antes que se lhes pudesse escolher os nomes. Vieram também uma grande guerra, duas revoluções, mais miséria e luta, a sombra da fome e a tristeza de ver os filhos parando de ir à escola, ou nem mesmo chegando a ir, para entrar com pouca idade nas fábricas e nas pequenas lojas. Ao mesmo tempo, a efervescência dos domingos, as filhas que tingiam peles de coelho para por nos ombros e faziam bijouterias de macarrão pintado para passear na Avenida Celso Garcia, nunca com chuva, para que não desbotassem os enfeites dos vestidos.

Maria conseguira um emprego para trabalhar em casa, pregava enfeites nos sapatos de luxo, que nunca podia comprar com o pequeno dinheiro que lhe proviam. Manoela era operária numa gráfica e Manoel era motorista do caminhão de uma fábrica de sabão. Já Mariano não podia trabalhar, pois as pernas eram-lhe muito fracas e mal podia aguentar-se em pé. Toda semana Ana ia levá-lo ao Hospital da Santa Casa. Era uma caminhada do Brás até Higienópolis, com o menino de já doze anos no colo, a menos que algum dos moradores do Quintalão que trabalhasse fazendo entregas pudesse levá-la. Celeste, ora ajudava a irmã mais velha ora a mãe. Esta foi a infância dos filhos de Ana.

Os anos escorreram languidamente, assim como os habitantes de Bera que passavam pela rua de Ana naquelas longinquas manhãs espanholas. Foi numa Terça Feira de Outubro, quando atizada por uma vizinha do Quintalão, Dona Antonia, Ana foi ver uma casa que estava à venda na rua Ipanema, a parte do Brás que fazia limite com a estrada de Ferro Santos-Jundiaí. Era uma casa muito velha, com dois quartos e um bom quintal e o dono, um espanhol viúvo que tinha um bar, resolvera vendê-la muito barato.

Novamente Ana lançou-se à sorte, vendeu tudo o que tinha à revelia do marido, e este que no fundo tinha medo de arriscar-se, tinha também o mesmo sonho íntimo da casa. Havia chegado num ponto da vida em que se compartilha até mesmo a intimidade dos sonhos mais escondidos, aqueles para os quais a realização pressupõe o risco que só a cumpli-

cidade do afeto sincero pode fazer correr.

Ao mudarem para a casa da rua Ipanema, levaram apenas as roupas, o fogão e uma dívida de vinte anos. Todo o resto haviam vendido. Ana contava nesta época com quarenta e sete anos.

III

No decorrer dos anos todos que haviam vivido naquela casa, muitas coisas boas e más já haviam ocorrido. A morte do velho Paco, o Casamento de Maria com um rapaz de nome Antonio, filho de um velho relojoeiro, também espanhol.

Ana já não era mais a moça loira e exuberante, era uma senhora, com muitos cabelos brancos amarelados, compridos até o meio das costas, enrolados em uma trança e presos pela peina no alto da cabeça. Mariano já trabalhava há muitos anos na empresa dos Bondes e já era um funcionário bem remunerado. Os anos de grande miséria já estavam distantes. Manoela também havia obtido um bom ganho, como operária já atingia na indústria, que desde então crescera bastante.

O grande marco na vida de Ana seria então a doença do esposo. Um acidente que o pensara entre dois bondes, e que fisicamente não havia deixado nenhuma mazela. O que restara dele seria o consumir-se num delírio de dias seguidos, onde só era tolerada a presença de Ana e as portas do quarto trancada o dia todo. Os filhos, principalmente Celeste, deixavam a comida na porta do quarto, deixavam as bacias de água com que se banhavam e as roupas limpas com as quais se vestiam.

Quando Mariano morreu, Ana já havia consumido boa parte dos dias que lhe restavam. Saíra daquele quarto muito mais velha, o rosto vincado pela tristeza e pela perda.

A partir daí, os dias foram se escoando. Ana passava as tardes sentada numa cadeira, no quintal, com um dos netos aos pés, contando as histórias de Bera. Este neto, o terceiro de Ana e que na época contava com dez anos, era o preferido. Seus olhos perdiam-se na imensidão das recordações da avó. Eram, naquelas tardes, como um só. Passearam juntos por Bera, sentaram-se juntos no muro da fonte e com os mesmos olhos viram voar o pequeno corvo.

Unia-os numa profunda amizade, algo que vinha do fundo de ambos e que os fazia partilhar a morosidade daqueles dias. Repartiam a mesma calma e a mesma nostalgia mansa de se lá que tempos.

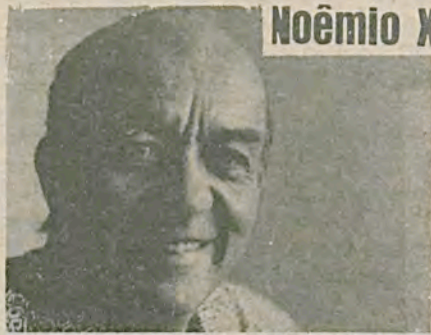
Ana viveu forte até o casamento de Fernando, o neto mais velho. Dois ou três dias após a cerimônia, caiu doente, estava no hospital sem poder receber visitas e a casa do Brás cingiu-se de um silêncio agonioso. Quando finalmente voltou, tinha todo o lado direito do corpo paralisado e o neto preferido, Milton, passava horas a seu lado massageando-lhe as mãos e mostrando-lhe fotografias velhas da família. Fitava-lhe o rosto, ansioso por ouvir as histórias de Bera, e um nó subia-lhe pela garganta. Sabia que era o princípio do fim.

Ana morreu com oitenta e oito anos. Lembro-me até hoje da cena. Cheguei em sua casa, que era ao lado da minha, e vi toda a família quieta sentada na sala. Meus pensamentos anteciparam as palavras de minha mãe. Levei alguns momentos para conseguir entrar em seu quarto. Ela estava só, deitada na cama, toda de preto com os cabelos soltos sobre os ombros e a velha peina de osso repousava sobre o criado-mudo. Sua expressão era de calma felicidade. Pude finalmente ver seu rosto a mirar-se no espelho do pequeno quarto de Bera, o orgulho pelos olhos azuis. Mais do que isso, consegui captar sua expressão quando pensava com o olhar perdido, no corvo que vagava por terras estranhas. Me restava a certeza íntima de que ela iria a seu encontro, de que estaria vagando por palácios de mouriscas formas. Nunca mais pude sentir igual, eu não era mais menino.

Especial

O Pelotão

Noêmio X. da Silveira



Nasceu em Pratápolis, MG. Foi aprendiz de telegrafista, aos 16 anos escreveu pequenas histórias nas seções infantis dos jornais do Rio, Belo Horizonte e Santos. Foi premiado pela revista "O TICO-TICO".

Em 1936 o número inaugural do Suplemento Juvenil de "O Diário de S. Paulo" estampou um conto seu: "O Bom Velhinho". No mesmo jornal, foi publicado "A Corrida do Zeca", em quadrinhos.

Em 1936 foi voluntário do Exército onde ficou nove anos. Residiu em quase todos os Estados brasileiros, quase percorrido várias vezes o rio Amazonas em pequenas embarcações. Não possui curso superior. Escreveu vários livros ainda inéditos.

O conto "O Pelotão" narra um fato real, quando Noêmio tinha 13 anos e já percebia muita coisa errada na revolução de 32. O conto é a condensação de um livro. Para ele, a ficção pura cai no ostracismo e o melhor tema é a vida.

Naquela distante manhã de 1932, na pequena vila erguida nas encostas de suaves colinas verdejantes, começava mais um dia de trabalho.

Qual formigas em todas as direções, os madrugadores habituais movimentavam-se pelas ruas poeirentas, cada um com a sua inseparável enxada, a caminho da roça.

Calças de brim "arranca-toco", camisas de zephir listrado, chapéus de palha de abas esgarçadas, pés cobertos de cascão, chieios de rachaduras e crestados, barbas crescidas, cigarros de palha dispietemente largados nos cantos das bocas, davam àqueles indivíduos a aparência de ubíquos "jecas-tatus".

À medida que percorriam a sua rota, deixavam para trás as pegadas na fina camada de gelo que cobria a terra vermelha. O quadro matutino era igual, todos os dias, invariavelmente, no inverno rigoroso que se abatera sobre o pacato povoado. As rolinhas, que não precisam trabalhar para viver, se deixavam ficar, amontoadas, nos galhos de claro de gato, mudas com coruja no clarão, numa evidente distribuição equitativa de calor.

A densa cerração completava a paisagem bucólica e cheia de melancolia. Entretanto, até aquela hora não havia passado o trem de passageiros com destino a S. Paulo. Fazia falta o apito cheiroso da maria-fumaça, a 103 — era esse o seu número — bamboleante nos seus mancais sexagenários, dando a impressão que não faria a primeira curva. Ela e o seu condutor, o maquinista Serapião.

Algo de anormal deveria ter acontecido. O lojista Salim, que muito cedo sempre abria o seu estabelecimento, ao vê-lo condutor de malas postais voltando da estação ferroviária, perguntou, com ares de grande curiosidade:

— "O que houve Pedro, perdeu o trem?"

— "Nada disso, compadre. O trem não veio e não virá por muito tempo, pois falam lá pelos lados da plataforma, que estourou a revolução"... respondeu o funcionário do correio. E não demorou muito para que o proprietário do único rádio existente no lugar se encarregasse de espalhar a confirmação do boato. A Rádio Educadora anunciava, entre

hinos e marchas militares, o tonitruante alerta: — "S. Paulo de pé pelo Brasil"!... Era 9 de julho!

O deslocamento das tropas auto-denominadas "constitucionalistas" foi rápido. Em pouco menos de duas semanas ocuparam todos os pontos estratégicos da fronteira com Minas, Mato-Grosso, Paraná e Rio de Janeiro. Ali havia trincheiras de concreto, com instalações sanitárias e telefone de campanha, numa eloquente demonstração de que o movimento sedicioso havia sido preparado à socapa. Os trens da Mogiana descarregavam, diariamente, equipamentos, armas e munições na estaçãozinha de Julio Tavares, última parada antes de chegar à cidade mineira de Guaxupé. O mês de julho ainda não havia terminado e tropas paulistas lutavam dentro do território mineiro. Providências urgentes deveriam ser tomadas, pois o rolo compressor causava pânico. Assim é que, além da tropa regular da Força Pública, foram convocados os oficiais da extinta Guarda-Nacional, cuja missão precípua seria o preparo de combatentes para fazer face à conjuntura.

E ao sossegado lugarejo foi atribuído fornecer um contingente de cinquenta homens, isto é, um pelotão. Para recrutar, formar e a adestrar essa tropa foi escolhido um Tenente-Coronel da Guarda-Nacional, o "coronel Souza".

A escoltura do instrutor militar recaiu no reservista de primeira categoria Hercílio, saído das fileiras do Exército fazia poucos meses. Sem perda de tempo, foi distribuído o fardamento, mosquetões e munição aos voluntários; estes foram se acomodando no meio-fio da sarjeta e, ali memo, iniciaram a limpeza e lubrificação das armas.

Oriundos, quase todos, das lides agrícolas, nunca lhes tinham passado pelas mãos artefatos bélicos de tal natureza. Enquanto a maioria limitava-se a esfregar o saponáceo nos canos e outros passavam a vareta embebida em querosene nas almas respectivas, um deles entendeu de fazer uma verificação mais objetiva sobre o funcionamento e acionou o gatilho.

O estampido se fez ouvir com tremendo estardalhaço e a bala, batendo no granito da sarjeta, ricocheteou, indo levantar poeira no fim da rua, onde brincavam inúmeras crianças. A menina saiu espavorida. E a população, desse dia em diante, passou a olhar o pelotão com cuidadoso terror. Os exercícios de combate passaram a ser rotina. Pela manhã, maneabilidade e à tarde tiro ao alvo.

Decorrido pouco mais de um mês, a tropa foi considerada apta a entrar em combate. E, em fins de agosto, sob os olhares da população pacata do vilarejo e ao som da banda de música local, desfilara o pelotão tendo à frente o "coronel Souza". Em seguida à vistosa parada, acantonaram na "Casa da Instrução" cinquenta praças combatentes, sem cabos ou sargentos, mas um efetivo heterogêneo de roceiros, indivíduos sem ocupação definida, barbeiro, alfaiate e padeiro. Com o evento, embandeirou-se o lugarejo pobre, transformando-se, com o colorido do papel de seda, o amarelo caqui das fardas e a cintilação das armas numa verdadeira praça festiva. Depois de dias seguidos, na azáfama belicosa, os soldados tinham direito ao repouso em colchões de capim "barba de bode", no quartel improvisado, mal sabendo eles que a partida para as trincheiras era questão de horas.

Ao alvorecer de setembro, parou à

frente do acontecimento dos voluntários um caminhão com a carroçaria guarnecida de bancos de tábuas. Da boléia do veículo saiu o "coronel" que, malgrado as dimensões da barriga, galgou a escadaria do casarão, adentrando, ofegante, o dormitório.

Para acordar a tropa não havia corneta nem corneteiro; o jeito era usar o seu canhãozinho particular, à guiza de clarim, pois assim teria oportunidade, aliás a primeira, de provar os reflexos de seus homens. Se assim raciocinou, mais depressa executou. Sacando a sua velha pistola calibre nove milímetros, apontou-a para o teto e tão rápido quanto lhe permitiu a artrose dos dedos, acionou o gatilho várias vezes. Ecoaram os tiros, estilhaçando as telhas de barro e enchendo o ar mofado do velho casarão de fumaça quase asfixiante.

Como que impelida por uma catapultada, a soldadeca pulou das camas e ficou de pé, olhos esbugalhados, sem atinar com o que estava acontecendo, encarando o comandante com ares de besta chucra.

Cinco não conseguiram controlar as próprias reações e saltaram as janelas encontradas abertas; um deles, porém, não calculou exatamente a direção a seguir e levou no peito uma janela fechada, com tranca e tudo e foi esborrachar-se no chão batido do quintal, quebrou o tornozelo e manquitolando, embrenhou-se no mato.

Decepcionado com o comportamento imprevisível de seus homens, cujo preparo militar julgava melhor, virou uma fera, soltou imprecações próprias para essas situações de emergência e conseguiu embarcar trinta e cinco homens. Na confusão da chamada, azularam quinze homens. Estava decretada a primeira baixa nas fileiras. E o caminhão ganhou a estrada, desaparecendo dentro da poeira avermelhada, rumo à fronteira. Três horas decorridas e a tropa chegou ao local onde substituiria os combaten-

tes cansados. O Morro da Mesa era a elevação a ser defendida e que, por seu comandamento da área em redor, impediria o cruzamento da divisa.

Essa elevação íngreme foi atingida, em sua cota mais alta, onde se cavaram trincheiras, após laboriosos esforços de alpinistas improvisados.

Ao cair da tarde o efetivo havia ocupado as posições defensivas. O "coronel" fez as últimas recomendações, verificou as armas, equipamento, munições e a colocação de sentinelas. Um vento gelado varria a crista do morro. Ele, como comandante, estava satisfeito. Foi para a sua barraca, deitou-se e dormiu.

O Chico papudo era o cozinheiro. Logo cedo tratou de fazer o café. Um dos

soldados, inexperiente, não se lembrou de guardar as mínimas precauções frente às linhas inimigas, gritando:

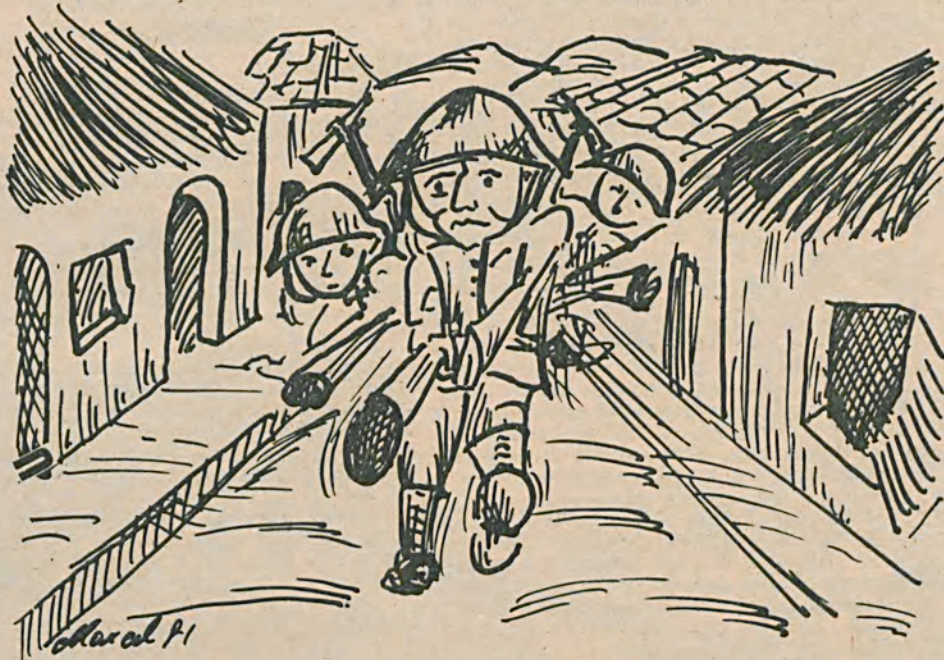
— "Ó Chico, cadê o café?"

Em regiões montanhosas é conhecido o efeito da reverberação do som. O pedido de café foi, quase que simultaneamente, ouvido nas linhas adversárias e de lá não tiveram dúvidas sobre a chegada de tropas frescas. Assestaram as suas metralhadoras pesadas no morro da mesa e fizeram fogo. As balas, centenas delas, varreram o parapeito das trincheiras, espalhando terra, cascalho e estilhaços por todos os lados. A nova guarnição era virgem em combate. Jamais tinha ouvido e sentido o sibilar de tantas balas ao mesmo tempo. Instintivamente acoco-

raram-se no fundo do abrigo. Mas o Geraldo-padeiro, se fazia pão muito mal, pior ainda sabia fazer guerra e, por isso, levou um balaço na coxa. Caiu gritando, desesperado:

— "Minha Nossa Senhora, acertaram minha perna!... O sangue jorrava. Foi um Deus nos acuda. O cozinheiro, olhos esbugalhados, histérico com a chegada das primeiras balas, deu meia volta e despencou, ladeira abaixo, usando as nádegas como deslizador, no que foi muito ajudado pela maciez do capim gordura. O resto do efetivo acorreu em auxílio ao ferido. A descida do morro foi feita em tempo de autêntica proeza. E rumaram para a retaguarda, trinta homens em perfeito estado físico para socorrer um ferido. Nunca se viu tanto compadecimento! O "coronel", diante do desastre, não teve outra alternativa se não reunir os quatro combatentes restantes, examinou o material deixado e deu ordens para carregá-lo no caminhão que ficara no sopé da serra. No parapeito da trincheira, trinta mosquetões em desalinho, apontavam para o céu. Os seus perfis, projetados contra o azul infinito, pareciam silhuetas de mãos em prece. Essas armas não chegaram a atirar. Estavam geladas como o entusiasmo de seus manejadores. Passaram-se os dias. Nenhuma atividade bélica foi notada do outro lado. O "coronel", homem astuto e oportunista, não perdeu tempo. Com quatro soldados e equipamento para outros trinta, mandou tocar para a fronteira. Lá chegando, não encontrou ninguém. Atravessou-a. Continuou com a marcha sem obstáculos. Percorreu mais vinte e oito quilômetros de estrada. Avistou pequena cidade. Entrou nela. O caminhão velho, verdadeira geringonça ambulante, mais parecia o Rocinante levando um Dom Quixote lerdo e gordo. Não havia Sancho Pança. Não havia gigantes, não havia Dulcinéia.

O "coronel" conquistou a cidade deserta. E ocupou-a.



Esta você não pode perder!

Livros universitários

em 5 pagamentos sem juros

na Saraiva da PUC.

Todo universitário tem apoio total da Saraiva. Nós queremos que você produza o máximo em seu curso e para tanto facilitamos sua aquisição de livros sem cobrança de juros. E além do mais, a Saraiva tem tudo o que você precisa. Visite nossa loja nesta unidade de ensino ou, se preferir, vá até um dos endereços abaixo.



Rua José Bonifácio, 203 - Fone: 32-5101

Rua São Bento, 196 - Fone: 35-1485

Praça da Sé, 423 - Fone: 32-7841



Curtas

REITORA ESCREVE
A D. VICENTE

Dia 13/2 a Reitora da PUC enviou carga ao Cardeal de Porto Alegre, D. Vicente Scherer acerca do nosso professor Paulo Freire. Eis um trecho: "Tenho tido a oportunidade de acompanhar de perto, neste último ano, a profícua e abrangente atividade do Professor Freire, não só em nossa Universidade que se sente honrada em tê-lo como docente, mas também no âmbito da Pastoral em nossa Arquidiocese de São Paulo, não posso deixar de compiar a presença de Vossa Eminência, como Reitora da PUCSP e como cristã, para dizer minha palavra de respeito e de admiração pela pessoa, pensamento e obra do, sem dúvida, maior pedagogo cristão de nossa Pátria". Como se sabe D. Scherer havia emitido juízos acerca do Prof. Freire e de sua obra. Em resposta à Reitora, o Cardeal diz que se referia à obra científica do citado professor.

SAUDE

Sr. Ângelo, carpinteiro de nossas Oficinas em breve estará de volta, recuperado de duas operações de catarata. Operada dia 10/3 a profª Maria Nilda Mascellani, do nervo ótico: melhoras. O prof. Casemiro, vice-reitor Administrativo manifesta sensível melhora do aneurisma cerebral sofrido dia 15/10/80; esperamos retorno mais rápido possível do estimado professor.

NO PORANDUBAS

1 - Entra o jornalista Edson Mendes de Almeida pra trabalhar com a gente. Ao lado do Jorge Claudio ele fará parte da equipe permanente do jornal. Agradecemos a mão-na-rodinha do Roberto Barreiro Fº durante 79-80.

2 - Só mesmo na PUC: este Setor fez uma série de filmagens ano passado, efetivadas pela Verbo Filmes. Já havia um documentário sobre os campi da PUC quase pronto, faltava um mês de trabalhos ainda quando a projeção do filme foi escalada para a Semana dos Calouros, daí a 3 dias. O que apresentamos foi o "copião" com o som saindo de um gravador e a imagem saindo do projetor. O ponto alto foram as 5 músicas compostas especialmente para o filme pelo nosso companheiro Edson. O filme apesar de qualidade provisória, passou no testes. Quando estiver em sua versão definitiva atenderemos a convites dos setores que desejarem sua projeção.

EXPOSIÇÕES NA BIBLIOTECA

1 - O autor dos desenhos da capa e que ilustra os contos desta edição, Marcel Alves vai expor suas pinturas e desenhos sobre ÍNDIOS na Biblioteca Central. A partir de 31/3.

2 - Em fase final de acabamento, exposição de fotos das alunas de jornalismo Bettina e Maristela. Elas pretendem mostrar aos calouros o que foi o ano de 1980 na PUC. Até o fim do mês, também na Biblioteca.

EM EDITORA

MORAES

LANÇAMENTOS - MARÇO/81

Helen H. Perlman
QUE É O ASSISTENTE SOCIAL?

Martin Heidegger
TODOS NÓS... NINGUÉM
um enfoque fenomenológico do social

(organizado e comentado por
Dr. Solon Spanoudis e Dulce M. Critelli)

Rua Ministro Godoy, 1006
tels. (011) - 62.8987 e 864.1298

MAIS ELEIÇÕES DIRETAS!!!

A COMUNIDADE
UNIVERSITÁRIA

Sobre os cargos de direção e representação a serem preenchidos em 1981.

I - A comunidade universitária da PUC caracterizou-se, no ano passado, por um intenso processo de participação na discussão e encaminhamento dos assuntos que dizem respeito à vida de nossa Universidade.

Ponto alto deste processo, foram as indicações dos nomes para os cargos de Reitor e Diretores de Centro, realizadas através de consulta direta a toda a comunidade.

Naquelas ocasiões a Comissão Comunitária da PUC-SP se fez porta voz dos anseios da comunidade, colaborando para que, mesmo dentro dos cânones de nosso atual Estatuto e Regimento Interno, se tornasse viável um processo democrático na indicação dos novos dirigentes dos mais importantes cargos da Universidade.

II - Embora reconhecendo a necessidade de se rever e de se aperfeiçoar a experiência do ano passado, a Comissão Comunitária julga fundamental que nossa Universidade dê mais um passo à frente, escolhendo democraticamente, com adequação às diversas realidades, os seus futuros Diretores de Faculdades (a serem empossados em fins de junho de 1981) e chefes de Departamento (agosto de 1981). Ambas as eleições serão precedidas pela indicação - em maio próximo - dos representantes docentes e discentes nos órgãos colegiados (Conselho Universitário, Conselho de Ensino e Pesquisa, Conselho de Centro, Congregações, Conselhos Departamentais e Departamentos), alguns destes órgãos, têm importante função na indicação de Diretores de Faculdade e da representação docente nos Conselhos.

III - A Comissão Comunitária julga estar interpretando os anseios de nossa Universidade ao relembrar à Comunidade Universitária a importância destas futuras indicações que, em sua opinião, devem nascer de uma consulta direta. Da participação de todos e do espírito democrático dos órgãos colegiados vai depender nossa capacidade de dar sequência ao processo ensejado, nos níveis superiores de direção, pelo Senhor Grão Chanceler e pela Senhora Reitora. A Comunidade da PUC quer a democracia. Uma democracia consciente e responsável. Que permitindo e solicitando a participação de todos, saiba respeitar a natureza e os objetivos de nossa instituição.

S.P. março/81
Comissão Comunitária da PUC-SP

TRIMMM!!! COF! COF!

O Odilon, da Assistência Administrativa informa que o problema dos nossos telefones, só será resolvido de vez com a compra de mais alguns módulos, que serão acoplados ao equipamento já existente. Acontece que o preço disso é muito alto, e a universidade não tem verbas.

E como ficamos? O jeito é seguir os conselhos da TELES, e racionalizar (ou racionar?) o uso dos telefones: atender imediatamente as chamadas; no caso de não conseguir linha, desligar e esperar um pouco, antes de tentar novamente - *abreviar ao máximo as conversas.*

Quando você ligar de fora para a PUC, e o ramal estiver ocupado, desligue e tente novamente, depois de alguns instantes; no caso de não ouvir o sinal de chamada, e a telefonista não atender, não fique bravo com ela, pois a aparelhagem utilizada na PUC, não dá sinal de ocupado, ela memoriza as chamadas e só completa a ligação quando houver ramal desocupado.

PSICOLOGIA NA FEBEM

Os alunos da Fac. Psicologia vêm realizando um trabalho junto aos menores saídos da FEBEM, que se encontram na Casa de Custódia e Tratamento Dr. Arnaldo Amado Ferreira de Taubaté. O objetivo é através de um curso supletivo, possibilitar que estes menores tenham um projeto de futuro, e que discutam suas alternativas de vida em uma sociedade como a nossa. Entre as atividades está o jornalzinho "Ponto de Encontro", feito pelos próprios internos, e que já está no seu quarto número. Os interessados nesse trabalho podem procurar a professora Lurdinha, no departamento de Psicologia, ou Milton, Mara e Cristina, que são de 7º período da turma C.

AFAPUC

As eleições para a Associação dos Funcionários será dias 23 e 24 de março. A chapa única, liderada pelo Geraldão, atual presidente, promete melhoria de salários, paridade Sorocaba/São Paulo, representação de funcionários nos órgãos colegiados e revisão do Quadro de Cargos e Salários.

MUDANÇAS NA CRECHE

Foram instalados Centros de Vivência de Dramatização, Linguagem e Música, Raciocínio Lógico, Artes Plásticas e para breve Horticultura. As crianças são orientadas dentro de um clima de liberdade a fazer atividades nesses Centros. Ao final, todos se unem para colocar a sala em ordem para a próxima turma. Segundo a coordenadora da Creche, Ana Gracinda, "isso só foi possível devido à colaboração de pais, Reitoria e departamentos da PUC".

EMPRESA E SINDICATO:
PRESENTE E FUTURO

Será o tema do Simpósio promovido pelo NEA (Núcleo de Pesquisa e Assistência Técnica em Economia e Administração), ligado ao IEE. O encontro se realizará entre 23 e 26 de março, no Tuquinho às 20 h. Expositores: Paul Singer, Maurício Tragtenberg, Leôncio Martins Rodrigues, Luis Eulálio Vidigal, Almir Pazzianoto e outros. Informações: 263-0211 - r. 343.

CAMPUS PARANAGUÁ

No início das aulas o CA de Matemática e Física distribuiu o jornal "POSTA: 5" aos calouros, como parte da semana de recepção, que integra ainda atividades esportivas, artísticas e uma chopada. Apesar de tais atividades, o jornal reclama de muitos colegas "uma apatia generalizada, resultado também da falta de uma discussão mais ampla e de uma maior união em torno desses problemas". Vámo se mexê aí moçada!

CARTAS



TELEFONES

"- Há sinceridade nisso?"

Os que dispõem de linha telefônica direta, não sabem o sufoco de se ficar horas e horas tentando uma linha, para fazer uma ligação qualquer. O tempo que se perde é de faltar a paciência! As telefonistas, salvo alguma exceção, nem sempre são amáveis, quando a gente se vale delas. A resposta é uma só: Não tem linha, quando tiver eu dou. Se você espera pelo prometido, só vai conseguir telefonar, depois de muito se aborrecer, aborrecendo também o outro.

"- Há sinceridade nisso?"

Dois pesos e duas medidas! Na PUCSP também funcionam as mordomias! Por quê? De uma maneira ou de outra, todos os funcionários colaboram para o crescimento de uma universidade que se diz cristã e comunitária. Então? Porque não solucionar o problema do PBX se, pelo que se sabe, o PBX da PUCSP não suporta os chamados telefônicos e este é o motivo pelo qual não se consegue uma linha?! Está na hora de mudar! É MELHOR A AÇÃO DO QUE A FALAÇÃO" (Odila Guimarães).

NÚCLEO EDUCAÇÃO E CULTURA

"A PUC, através do Núcleo de Educação e Cultura (NEC), ligado ao Instituto de Estudos Especiais (IEE), pretende aglutinar professores e alunos da universidade envolvidos em trabalhos de educação popular, buscando colaborar com os movimentos populares e com a ação pastoral da Igreja.

Já existem vários grupos em atividade, mas as dificuldades são muitas, e a principal é a inexistência de uma infra-estrutura material que nos auxilie no trabalho. Só para dar um exemplo, aconteceu diversas vezes querermos utilizar recursos como um filme ou um áudio-visual, para ilustrar e aprofundar as discussões travadas com a população, e sermos impedidos pela falta de um projetor.

Sabemos que existe um setor de áudio-visual razoavelmente equipado na PUC, e que não possui tantas atividades internas a ponto de tornar inviável a sua utilização pelo NEC. Que tal se a gente do NEC e o (s) setor(es) responsável(is) pelo áudio-visual pensarmos numa forma de colaboração?" (Hélio)

TESES

- 1 - Dia 17/3, 14 h. "RELAÇÕES PESSOAIS NO AMBIENTE URBANO - UM ESTUDO DE UM CONJUNTO HABITACIONAL POPULAR" - Elizabeth Helena Lenza. Orienta: Sílvia Lane
- 2 - Dia 19/3, 9 h. "POR UMA NOVA PRESENÇA NO SERVIÇO SOCIAL DA EMPRESA" - Walter Canôas. Orienta: Evaldo Vieira.
- 3 - Dia 19/3, 14 h. "DIFICULDADES ENCONTRADAS POR PSICOTERAPEUTAS ROGERIANOS PARA VIVENCIAREM AS ATITUDES FACILITADORAS" - Glória M. Cavalcanti. Orienta: Yolanda Cintrão.
- 4 - Dia 20/3, 15 h. "PAPEL DA INTERAÇÃO SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO DAS OPERAÇÕES COGNITIVAS" - Ruth V. Lopes. Orienta: Sílvia Lane.
- 5 - Dia 20/3, 15 h. "EFEITOS DE DUAS MODALIDADES DE TREINO SOBRE A EMISSÃO VERBAL DE USOS DE OBJETOS EM PRÉ-ESCOLARES CARENTES CULTURAIS" - Teresinha P. de Sá. Orienta: Sergio Luna.
- 6 - Dia 25/3, 14 h. "INDIVÍDUO E FAMÍLIA - A NATUREZA DE UM DESENCONTRO" - Ieda Corrêa P. Silva. Orienta: Maria Leonor Gayotto.
- 7 - Dia 27/3, 14 h. "ODILEMA DO DECENTE MALANDRO" - Maria Lúcia Violante. Orienta: Sílvia Lane.

VIGARISTAS

A Regina "Chu" da ATP avisa que se aparecer um surdo-mudo pedindo grana, que você se certifique, pois ela ofereceu o seu "óbolo" a um que mais tarde pilhou no bar, no maior papo (esmola milagrosa?). Outro é o conto do "padre" Tadeu ou Aloísio, cujo alvo preferido são professores da PUC: para ter certeza, recomenda-se solicitar aos reverendo a recitação do Credo.

Crônica

VEM CÂ LOURO
(e outras papagaiadas...)

A PUC está recebendo mais quatro milhares (é isso aí, bicho) de alunos novos e, entre mortos e transferidos, devem salvar-se todos.

As primeiras semanas do presente ano letivo, junto com o sangue novo, trazem à baila (comigo?) algumas curiosidades que merecem citação:

a) o clima inebriante que assola o campus fica polissaturado com a utilização massiva de toda a parafernália cosmético-perfumística ao alcance das recém-entrantes, o que confere à Universidade um ar de Jardim Botânico e provoca poluição nasal (é o Império dos Sentidos);

b) fica decretada a "temporada de caça aos próximos militantes", realizada por intermédio das várias intendências encarregadas de fazer a reposição da mão-de-obra revolucionária que já tirou diploma universitário e se foi;

c) dado que a universidade é católica, a introdução do calouro ao período da quaresma se dá pela realização de uma autêntica Via-Sacra pelas Secretarias, Coordenadorias, Departamentos, Tesouraria em busca de informações e papéis que sempre estão "na outra sala de onde o senhor já veio";

d) o duro aprendizado na "leitura de paredes" que leva o neófito a marcar na agenda para não esquecer de assistir "no dia 12 de setembro, às 9,00 hs., uma conferência sobre As funções do direito penal na formação de novos partidos e suas ligações com o povo de El Salvador, a ser feita por Arrigo Barnabé no ciclo de conferências noturnas da TFP.

Agora, o mais curioso mesmo é chamar só a primeira semana de Trote Cultural!

Mário Sérgio

APROPUC

1 - Livro: lançado no Encontro Nacional um livro, editado pela APROPUC, que relata o processo de democratização na PUC. Divide-se em 4 partes: Estatuto; Eleições; Problema Financeiro; Papel da Associação.

2 - Acordo Trabalhista: vem sendo discutido entre a Diretoria e a Reitoria e as negociações estão em fase final. O resultado será apresentado na assembleia geral, dia 19 de março.

3 - Comissão de Orçamento: segundo já noticiamos, a comissão integrada por vários setores vem-se reunindo e analisa problemas específicos ainda não de todo esclarecidos. A comissão pretende tornar públicas suas preocupações acerca da situação financeira.

4 - Atualização de Salários: ao que parece, os atrasos continuarão ocorrendo neste semestre. A Diretoria da Associação observa que o sistema de rodízio agora adotado aumenta ainda mais a insegurança: "o salário virou loteria". Por outro lado, a Diretoria manifesta confiança no trabalho da Comissão de Orçamento e tem esperança que a publicação dos resultados traga novos rumos. Maiores informações ou apresentação de propostas, procurar Alberto, da Comissão de Salários.

RAMPA ALEGRE 81

Com o patrocínio da APROPUC, AFA-PUC, DCE, REITORIA, dia 20 de março, às 20 h. haverá uma festa de confraternização como fim da recepção aos calouros. A festa será na rampa do campus Monte Alegre: todo mundo lá!!!

CURTINHAS

1 - Reforma de Estatutos: Quem tiver alterações ao PROJETO II, lembramos que o prazo de entrega vai até dia 10 de abril.

2 - Posse dos novos Diretores de Centro: será dia 28/3. Parabéns!

3 - O Prof. José Gregori, do Direito, foi nomeado em fevereiro presidente da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese. Parabéns do PORANDUBAS a você, José: você merece e nós precisamos.

4 - Logo na entrada do Prédio Velho, à esquerda há uma sala onde estava o Protocolo e que agora passa a ser ocupada pela profª Gilda Perosa. Ela comanda uma Assessoria de Projetos que encaminha pedidos de financiamento a agências nacionais e internacionais y otras cositas más.

5 - Prá terminar, uma do Carnaval: comenta-se à boca pequena que o Agostinho da Cantadoria saiu com a filha dele no bloco das Gaviões da Fiel. Se a moda pega, heim?